

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

GABRIELLA RAMOS SANTANA

**“GOIANOBYL”: O ACIDENTE RADIOLÓGICO DO CÉSIO-137 EM GOIÂNIA NO
ANO DE 1987 A PARTIR DO *CORREIO BRAZILIENSE* E SUA CONTRIBUIÇÃO
PARA O ENSINO DE HISTÓRIA AMBIENTAL**

Uberlândia

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

GABRIELLA RAMOS SANTANA

“GOIANOBYL”: O ACIDENTE RADIOLÓGICO DO CÉSIO-137 EM GOIÂNIA NO ANO DE 1987 A PARTIR DO *CORREIO BRAZILIENSE* E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA AMBIENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História (INHIS) da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl.

Uberlândia

2023

GABRIELLA RAMOS SANTANA

“GOIANOBYL”: O ACIDENTE RADIOLÓGICO DO CÉSIO-137 EM GOIÂNIA NO ANO DE 1987 A PARTIR DO *CORREIO BRAZILIENSE* E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA AMBIENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História (INHIS) da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl.

Uberlândia, 28 de novembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu

Prof. Dr. Selmo Haroldo de Resende

AGRADECIMENTOS

Acredito que nenhuma trajetória, seja ela acadêmica ou não, acontece sozinha, isolada do mundo. Por isso, não haveria possibilidade da construção desse trabalho sem o apoio daqueles que, por muitas vezes, me seguraram para não perecer e me lembraram do sentido de viver.

Agradeço à minha mãe, Glauciene, e ao meu padrasto, Moisés, por tudo que fizeram por mim ao longo desses anos distantes de casa. Sem vocês eu não teria forças para continuar, sem suas orações à São José e Nossa Senhora e sem as bênçãos diárias eu não conseguiria ter chegado até aqui.

Aos meus avós, Wasington, Ofenisia e Romilda, por me mostrarem a alegria de viver, o cuidado de amar em gestos, a liberdade de sonhar e a esperança em continuar a procurar daquilo que se deseja.

À minha professora e tia-avó, Orlandina, por toda inspiração, afeto e bênçãos. Por me ensinar todos os dias sobre a beleza do ofício do educador, sobre a paixão de ensinar e ser ensinado.

Aos meus tantos amigos que me apoiaram nos momentos de angústia e estudos, em especial à Emily, Anna Laura, Letícia, Amanda, Arthur e Salomão, que no meio de toda rotina desregulada ainda tiveram tempo e cuidado de estar presente e cuidar da nossa amizade.

Aos meus irmãos, Ana Clara, Renato e Maria Luiza, que me ensinam todos os dias sobre amor, afeto e o valor da família. À Amanda Letícia, que não é minha irmã, mas que poderia ser. Crescer e experimentar a vida ao lado de vocês é meu maior orgulho e felicidade.

À minha querida psicóloga, Giovana, por toda luta, apoio e cuidado em me ajudar a me permitir errar, sonhar, entender meu limite e por vezes desistir quando necessário.

À todas as professoras e professores do Instituto de História da UFU, em especial aqueles que acreditaram em mim e na minha capacidade, que apostaram nos meus sonhos e ideias. Ana Paula Spini, por me ensinar a amar a pesquisa e a não me culpar quando isso não acontece. Ao Marcelo Lapuente, meu querido orientador, que me guiou em meio a incerteza e me permitiu a liberdade de andar sozinha quando precisava.

Esse trabalho é também parte de todos que me permitiram e me apoiaram no tortuoso caminho na busca pelo sentido, seja na vida ou na pesquisa. Obrigada!

RESUMO

A partir da década de 70 no século XX, os movimentos ambientalistas começaram a ganhar força e espaço no cenário político Ocidental, abrindo caminhos para que houvesse uma análise teórica de investigação que permitisse uma relação entre o meio ambiente e a história da humanidade. Desse modo, a História Ambiental enquanto linha de pesquisa historiográfica surge com a intenção de compreender as implicações que o meio ambiente e o mundo natural podem acarretar nos processos políticos, sociais ou econômicos, levando sempre em consideração o fator não humano nesse processo.

Dessa forma, o presente artigo começa a partir do estudo do átomo e das partículas infinitamente pequenas, que se tornaram objetos de estudo e análise desde a Antiguidade Grega. Nesse contexto, considera-se a historicidade do uso desses átomos e partículas para a manipulação de elementos radioativos e para a criação da tecnologia nuclear.

A partir desse contexto, o presente trabalho busca entender como ocorreu o acidente radiológico do Césio-137 em Goiânia - GO (1987), e principalmente, como esse acidente foi divulgado e relatado para a sociedade brasileira da época através do periódico *Correio Braziliense* no mês de outubro do mesmo ano. Para isso, a pesquisa de fontes se deu com a utilização da plataforma virtual Hemeroteca Digital, que possui em seu acervo as edições necessárias para a realização da pesquisa.

Finalmente, o presente trabalho empenhou-se também em entender de quais formas o Ensino de História na Educação Básica pode abordar o acidente radiológico do Césio-137. Levando em consideração a importância do tema para a História de Goiás, constrói-se um debate educacional com a intenção de que a temática não fique presa apenas em disciplinas das Ciências Naturais.

Palavras – chave: História Ambiental. Césio-137. Acidente radiológico. Radiação.

ABSTRACT

From the 1970s onwards, environmental movements began to gain strength and space on the Western political scene, opening the way for a theoretical analysis of research that would allow a relationship between the environment and human history. In this way, Environmental History as a line of historiographical research arose with the intention of understanding the implications that the environment and the natural world can have on political, social or economic processes, always taking into account the non-human factor in this process.

In this way, this article begins with the study of the atom and infinitely small particles, which have become objects of study and analysis since Greek Antiquity. In this context, the historic use of these atoms and particles for the manipulation of radioactive elements and the creation of nuclear technology is considered.

From this context, this paper seeks to understand how the Cesium-137 radiological accident occurred in Goiânia - GO (1987), and especially how this accident was publicized and reported to Brazilian society at the time through the *Correio Braziliense* newspaper in October of the same year. To do this, the search for sources was carried out using the Hemeroteca Digital virtual platform, which has in its collection the editions needed to carry out the research.

Finally, this work also sought to understand the ways in which History Teaching in Basic Education can approach the Cesium-137 radiological accident. Taking into account the importance of the subject for the history of Goiás, an educational debate is being built with the intention of ensuring that the subject is not confined to Natural Sciences subjects.

Key words: Environmental History. Cesium-137. Radiological accident. Radiation.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** “Bairro é exposto à radioatividade”, *Correio Braziliense*, 30 de setembro de 1987, p. 16
- Figura 2:** “Radioatividade interna 16 em Goiânia”, *Correio Braziliense*, 01 de outubro de 1987, p. 15
- Figura 3:** “Radiação condena vítima à morte”, *Correio Braziliense*, 03 de outubro de 1987, p. 14.
- Figura 4:** “Síndrome do Ferro Velho”, *Correio Braziliense*, 05 de outubro de 1987, p. 4.
- Figura 5:** “Descontrole nuclear”, *Correio Braziliense*, 07 de outubro de 1987, p. 2.
- Figura 6:** “A nossa Chernobyl”, *Correio Braziliense*, 08 de outubro de 1987, p. 2.
- Figura 7:** “Goianobyl é uma lição”, *Correio Braziliense*, 12 de outubro de 1987, p. 2.
- Figura 8:** “Goianobyl é o maior acidente - e o mais grave do Ocidente”, *Correio Braziliense*, 09 de outubro de 1987, p. 1
- Figura 9:** “Goianobyl - irresponsabilidade (atômica) sem tamanho”, *Correio Braziliense (Caderno de Cultura ApArte)*, 11 de outubro de 1987, p. 6 e 7.
- Figura 10:** “Cachimbo será depósito de rejeitos”, *Correio Braziliense*, 10 de outubro de 1987, p. 12.
- Figura 11:** “O Pará não é lata de lixo do Brasil”, *Correio Braziliense*, 14 de outubro de 1987, p. 7.
- Figura 12:** “Lixo atômico agora é do Congresso”, *Correio Braziliense*, 15 de outubro de 1987, p. 1.
- Figura 13:** “Sarney transfere o abacaxi para o Congresso - E em meio a muitas pressões, é decidido que o lixo atômico não vai para a serra do Cachimbo”, *Correio Braziliense*, 15 de outubro de 1987, p. 15.
- Figura 14:** “Goiânia define a área para depósito do “lixo” - Cemitério atômico provisório fica perto da rodovia BR-60 e a 25 km do palácio do Governo”, *Correio Braziliense*, 17 de outubro de 1987, p. 14.
- Figura 15:** “Goianobyl: A burrice na sua mais alta manifestação!”, *Correio Braziliense*, 10 de outubro de 1987, p. 2
- Figura 16:** “CNEN”, *Correio Braziliense*, 12 de outubro de 1987, p. 2
- Figura 17:** “Cesius CXXXVII park”, *Correio Braziliense*, 13 de outubro de 1987, p. 2.

SUMÁRIO

Introdução	9
A tragédia do Césio-137 em Goiânia a partir do <i>Correio Braziliense</i>	13
Acidente radiológico e o ensino de história	36
Considerações finais	44
Fontes.....	46
Referências Bibliográficas	47

Introdução

O século XX foi marcado por eventos memoráveis ao redor do globo terrestre. Foi o período em que a humanidade pôde observar com muita clareza a barbárie das civilizações em busca de capital e poder político, sendo estudado e nomeado por Eric Hobsbawm como a Era dos Extremos. O autor nos ajuda a entender como as diferentes nações agiram em busca de relevância mundial e, principalmente, em como as diferentes guerras do século XX colaboraram para desastres sociais e econômicos ao redor do mundo¹.

Nesse sentido, uma das maiores tragédias do século XX pode ser observada no fim da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), quando ocorreu a explosão de duas bombas atômicas nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, no ano de 1945. O primeiro bombardeio foi na cidade de Hiroshima, com a bomba de Urânio-235 denominada de *Little Boy*.

A bomba explodiu a 580 +- 20 metros acima do Hospital Shima, exatamente às oito horas e dezesseis minutos da manhã de 6 de agosto de 1945, em queda livre de aproximadamente nove mil e seiscentos metros, percorridos em quarenta e três segundos, após deixar a fortaleza voadora B-29, denominada de *Enola Gay*²

A bomba explode com cerca de 580 metros em seu epicentro - acima do solo -, tendo como hipocentro - alvo no solo - o Hospital Shima. O físico Heitor Biolchini Caulliraus, escritor no livro *Hiroshima 45, o grande golpe: da concepção do átomo à tragédia de Hiroshima*, que será usado nesse momento como base para entender o processo das duas grandes bombas atômicas, nos afirma ainda que “a radioatividade produzida, num raio de 800 metros, era tão intensa que, quase todos que sobreviveram tanto ao calor quanto à explosão, estavam predestinados a morrer devido aos efeitos da radiação”³.

O ataque ocorrido na cidade de Hiroshima e seus sucessivos eventos foram descritos de forma aterrorizante por aqueles que o vivenciaram, caracterizado como um verdadeiro inferno terrestre, de forma que “Hiroshima do dia 6 de agosto de 1945 traz para nossa era a desgraça de Pompéia”⁴. Nesse sentido, é importante dispor também da potência dessa primeira bomba atômica:

Hiroshima foi atacada por uma bomba de urânio enriquecido, com potência equivalente a 12,5 quilotons de TNT. Desintegrou-se em 15% de energia

¹ Conferir em HOBBSAWM, E. J. Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

² CAULLIRAUS, Heitor Biolchini. Hiroshima 45, o grande golpe: da concepção do átomo à tragédia de Hiroshima. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 505.

³ *Ibidem*, p. 509.

⁴ *Ibidem*, p. 511.

radioativa; 35% em calor; 50% em poder explosivo. Foram afetados diretamente, de 310 a 320 mil civis e mais de 40 mil soldados. Cerca de 140 mil +- 10 mil desses, incluindo 20 mil soldados, foram mortos até o final de dezembro de 1945, e 90 % do restante, supõem-se que tenham morrido em duas semanas.⁵

O segundo bombardeio aconteceu na cidade de Nagasaki, cerca de 400 km do local em que detonou-se a primeira bomba atômica. Esta segunda era de Plutônio-239, denominada de *Fat Man*, embora mais poderosa do que a construída a partir do elemento radioativo Urânio-235 que atingiu Hiroshima, provocou efeitos menores naquela pequena cidade: “Em Nagasaki o epicentro foi a 500 +- 10 metros acima do alvo, Matsuyamamachi na parte norte da cidade. A bomba de Plutônio, réplica usada no teste em Trinity, liberou uma energia estimada de 22+- 2 quilotons de TNT.”⁶.

Não há dúvidas de que a Segunda Guerra Mundial foi devastadora, o que demonstrou de maneira clara a miséria humana durante a busca por poder, capital e tecnologia. Com os campos de concentração, testemunhamos, enquanto humanidade, a barbárie e a falácia da busca por uma nação soberana. Tivemos em primeira mão os nacionalismos desvairados e a busca, a qualquer custo, de vencer uma guerra que no fundo todos perderíamos. Nesse contexto, houve o descobrimento de diversas tecnologias, que eram testadas em prisioneiros de guerra ou mesmo, como no caso das bombas atômicas, em cidades inteiras.

A tecnologia nuclear não surge do acaso e com apenas um propósito, mas sim como fruto de um intenso estudo que pôde desencadear seus diversos usos, valendo-se do interesse daquele que possui o poder de utilizá-la. É importante pontuar também que o estudo do átomo não é considerado moderno, muito pelo contrário, desde a Antiguidade Clássica os filósofos e pensadores buscavam definir um elemento ou unidade para a formação do universo como um todo. No primeiro capítulo do livro *Hiroshima 45, grande golpe: da concepção do átomo à tragédia de Hiroshima*, intitulado “Poetas e pensadores”, o físico Heitor B. Caulliraux nos ajuda a entender, de forma breve e elucidativa, os diferentes conceitos do átomo no mundo Grego e suas variações teóricas ao longo do tempo.

Pensadores como Tales e Anaximandro - ambos provenientes da cidade de Mileto - se indagavam a respeito do elemento “fundador” do universo, aquilo que era considerado fundamental para a vida. Mas não foram apenas os dois filósofos acima citados que participaram do movimento que visava explicar a formação e estruturação de tudo aquilo que

⁵ *Ibidem*, p. 514.

⁶ *Ibidem*, p. 515.

existe. O filósofo Epicuro (341 a.C. - 270 a.C.) foi também um dos pensadores que discorriam sobre essa mesma temática

No livro *Física*, Epicuro aborda a problemática do átomo, do espaço, do vazio, do infinito e dos movimentos. Na sua concepção, os átomos teriam uma inconcebível variedade de formas, pois não poderiam nascer tantas variações se suas formas fossem limitadas. E, para cada forma, seriam absolutamente infinitos os semelhantes, ao passo que as variedades não seriam absolutamente infinitas, mas simplesmente inconcebíveis. Os átomos apresentariam forma, peso, grandeza e todas as outras qualidades necessariamente intrínsecas à forma⁷.

Nessa busca por aquilo que seria primordial no universo e na elaboração da teoria e pensamento atomista, houveram a participação de muitos físicos e químicos que propuseram alguns modelos atômicos, como o modelo de John Dalton, Joseph John Thomson entre outros. Esse pensamento atomista foi essencial na criação da tecnologia nuclear, que começa a se formar a partir da experimentação daquilo que até então seria apenas teórico⁸.

Falar da história da energia nuclear é, portanto, falar da história do estudo do átomo, das teorias da Filosofia, Física e Química que permitiram a elaboração e materialização de conceitos até pouco tempo abstratos. Foi o físico americano Robert A. Millikan que descobriu o Raio X e Radioatividade, no ano de 1895. Foi o casal Pierre Curie e Maria Skłodowska Curie que, estudando a radioatividade, descobriram elementos como o Polônio e o Rádium. Ernest Rutherford estabeleceu o modelo atômico atual, Niels Bohr elabora uma teoria sobre a estabilidade do elétron e Enrico Fermi escreve a teoria do decaimento beta, em 1933, que prevê a fissão e a fusão nuclear.

Dessa forma, é importante perceber como cada capítulo da história acaba se ligando ao posterior, construindo uma trama de acontecimentos, ligando personagens e narrativas diferentes. Não há possibilidade de elaborar a respeito do maior acidente radioativo fora de usinas nucleares do mundo sem abordar a respeito da criação da tecnologia nuclear, que rapidamente se tornou parte do dia a dia da população de forma direta ou indireta.

Relembrar a trajetória desse feito científico se faz necessário para compreendermos a brevidade dos fatores que se correlacionam e influenciam, em partes, no acidente radiológico de Goiânia (1987). A intenção é explicar como essa tecnologia nuclear, que apesar de ser

⁷ *Ibidem*, p. 27.

⁸ Conferir em Apostila educativa - A História da Energia Nuclear. Rio de Janeiro: Comissão Nacional de Energia Nuclear, 2020. Disponível em: <http://antigo.cnem.gov.br/images/cnen/documentos/educativo/historia-da-energia-nuclear.pdf>. Acesso em: 15 Set. 2023.

extensamente estudada e elaborada em grandes centros de pesquisa em todo o mundo, ainda apresenta muitas questões a serem abordadas, uma vez que a maioria da população brasileira ainda desconhece seus componentes e possíveis riscos à saúde. Busca-se então entender como essa falta de conhecimento a respeito da energia nuclear desembocou em um dos maiores acidentes radioativos do mundo.

Para falar do acidente radiológico de Goiânia em 1987, é importante pontuar como a mesma descoberta científica e salto tecnológico que possibilitaram a criação de armas de guerra e usinas de geração de energia, foi também a que contribuiu para a criação de aparelhos da medicina nuclear, usados em todo o mundo. O uso dessa tecnologia é ainda recente na história da humanidade, sendo necessário o debate a respeito da quantidade de acidentes radioativos que já aconteceram no século XX e os que podem vir a acontecer na atualidade, devido ao desconhecimento da população acerca da periculosidade desses materiais radioativos.

Um dos maiores acidentes nucleares do mundo aconteceu um ano antes do caso de Goiânia, na cidade de Pripjat, aproximadamente 20 km da cidade de *Tchernóbil*, na antiga União Soviética. Svetlana Aleksievitch, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura (2015) com o brilhante livro *Vozes de Tchernóbil: Crônica do futuro*, nos oferece ferramentas para compreender, de maneira sensível, a memória dessa tragédia. Svetlana nos conta que

No dia 26 de abril de 1986, à 1h23min58, uma série de explosões destruiu o reator e o prédio do quarto bloco da Central Elétrica Atômica (CEA) de Tchernóbil, situado bem próximo à fronteira da Belarús. A catástrofe de Tchernóbil se converteu no mais grave desastre tecnológico do século XX.⁹

Essa radiação foi espalhada por toda a cidade e arredores, levando Iodo-131, Césio-137 e Estrôncio-90 para a atmosfera terrestre.

O caso teve forte repercussão internacional, uma vez que foi o primeiro acidente nuclear de grande proporção capaz de devastar uma quantidade incalculável do território da antiga União Soviética, afetando não apenas a flora e fauna daquele local, mas também todo o sistema econômico, político e principalmente social do país. Diferentemente do caso das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, a explosão em Chernobyl é ocasionada por falha humana na manutenção e conservação dos reatores nucleares, fato esse que não diminui ou invalida a profundidade das questões ambientais, sociais e econômicas enfrentadas naquele momento.

Em continuação, a autora nos diz

⁹ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Vozes de Tchernóbil: Crônica do futuro*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016, p. 6

Teria sido mais fácil nos acostumar à situação de uma guerra atômica como a de Hiroshima, pois sempre nos preparamos para ela. Mas a catástrofe aconteceu num centro atômico não militar, e nós éramos pessoas do nosso tempo e acreditávamos, tal como nos haviam ensinado, que as centrais nucleares soviéticas eram as mais seguras do mundo, que poderiam ser construídas até mesmo na Praça Vermelha. **O átomo militar era o de Hiroshima e Nagasaki, o átomo da paz era o da lâmpada elétrica de cada casa. Ninguém imaginava que ambos os átomos, o de uso militar e o de uso pacífico, fossem gêmeos. Que houvesse correspondência.** Nós nos tornamos mais sábios, o mundo todo vem se tornando mais inteligente, mas depois de Tchernóbil. Hoje cada bielorrusso é uma espécie de ‘caixa-preta’ viva, registra as informações para o futuro. Para todos.¹⁰

Reafirma-se aqui a proximidade dos acidentes acima citados com o caso de Goiânia, mesmo que a exposição do Césio-137 na capital de Goiás tenha sido menor em proporções de desgaste humano e ambiental em relação aos outros, levantando-se o debate a respeito do mau uso de tecnologia nuclear no mundo e especialmente no Brasil.

A tragédia do Césio-137 em Goiânia a partir do *Correio Braziliense*

O fato ocorreu na capital do estado de Goiás no dia 13 de setembro de 1987, quando dois catadores de sucata encontraram, entre os escombros do antigo prédio do Instituto Goiano de Radioterapia (IGR), uma máquina de raio X abandonada. Ao encontrarem a máquina, extraíram daquele suposto entulho todo o material que fosse passível de venda, inclusive a cápsula de chumbo que continha o material radioativo.

O Instituto funcionava no Setor Central de Goiânia desde o ano de 1972, e foi desativado apenas no ano de 1984. Durante esse período, o IGR funcionou em um terreno cedido pela Sociedade São Vicente de Paulo e foi retirado de lá devido ao suposto descumprimento das cláusulas impostas no contrato no qual previa que

Como contrapartida do empréstimo do terreno, o Instituto deveria oferecer exames gratuitos aos pacientes da Santa Casa de Misericórdia de Goiânia sob a administração daquela Sociedade. A Santa Casa de Misericórdia alegou descumprimento do acordo por parte do IGR e, no ano 1984, decidiu vender o terreno para o Instituto de Previdência e Assistência do Estado de Goiás (Iпасgo) antes que fosse efetivada a ação de despejo dos antigos locatários, donos do IGR. Somente no ano seguinte, o Instituto de Radiologia se mudaria para um novo endereço deixando para trás os mobiliários e equipamentos antigos, entre os quais havia um aparelho radiológico contendo uma cápsula de césio-137. Nos dois anos seguintes, caberia à justiça o papel de administrar o conflito entre o antigo, o novo proprietário do imóvel e o IGR. No mês de

¹⁰ *Ibidem*, p. 35, grifo próprio.

maio de 1987, o Ipasgo, novo dono do imóvel, iniciou a demolição do prédio. Todavia, uma liminar judicial o obrigou a interromper a destruição.¹¹

É nesse cenário de conflito judicial pelo terreno em que funcionava o Instituto Goiano de Radioterapia, que o maquinário contendo a cápsula de Césio-137 foi deixado em esquecimento pelas instituições de poder e de saúde de Goiânia. Passaram-se três anos e nada foi feito para que aquele equipamento fosse realocado de forma adequada por seus responsáveis legais, até que em setembro de 1987 os catadores de sucata Roberto dos Santos Alves e Wagner Mota Pereira viram naqueles escombros uma oportunidade de arrecadação rápida de dinheiro.

Os dois jovens, moradores do Bairro Popular, recolheram o cabeçote da máquina de radioterapia que era composto por uma estrutura de ferro e chumbo, e a levaram para o ferro velho de Devair Alves Ferreira, localizado na rua 26-A, no Setor Aeroporto. Foi no ferro velho que, após a exposição do material radioativo, ocorreu a distribuição daquela pequena quantidade de pó azul brilhante entre vizinhos e familiares

Nas mãos de Devair, a cápsula revelou um brilho azul fascinante em uma noite de setembro. Entusiasmado com sua descoberta, Devair divulgou na vizinhança o espetáculo da luz azul e distribuiu entre parentes, amigos e vizinhos alguns fragmentos do pó desprendidos do interior da cápsula. O césio-137, liberado da cápsula, passaria a circular silenciosamente pela vizinhança do Bairro Popular, Setor Aeroporto e Setor Norte Ferroviário, bairros da região central de Goiânia.¹²

O que inicialmente seria apenas a distribuição amigável de uma hipnotizante luz azul advinda daquele pequeno material brilhante e desconhecido por aquelas pessoas, se tornou, no final do ano de 1987, um dos maiores desastres radiológicos do mundo. O caso foi descoberto pela vigilância sanitária somente 15 dias após a abertura da cápsula, quando Maria Gabriela Ferreira - esposa de Devair Alves Ferreira - decidiu levar o material à sede da vigilância sanitária suspeitando da influência dele na piora do estado de saúde das pessoas a sua volta. A partir disso, foi-se desenhando a história do acidente que ocasionou em uma das maiores tragédias da história do país, interligado por questões ambientais, sociais, econômicas e políticas que serão melhor examinadas durante a elaboração deste trabalho.

A tragédia de Goiânia causou quatro mortes já no mês de outubro de 1987 - Maria Gabriela Ferreira (38 anos), Leide das Neves Ferreira (6 anos), Israel dos Santos (22 anos) e Admilson Alves de Souza (18 anos) - e milhares de afetados psicológica e fisicamente ao longo dos anos, que receberam apoio médico e social do Governo de Goiás e também de entidades

¹¹ VIEIRA, Suzane de Alencar. Césio-137, um drama recontado. *Estudos Avançados* 27 (77), 2013, p. 217

¹² *Ibidem*, p. 218

criadas à época¹³, como por exemplo a Fundação Leide das Neves Ferreira (FUNLEIDE)¹⁴ e a Associação Vítimas do Césio 137¹⁵. O caso foi incansavelmente noticiado pelos veículos de informação da época com matérias jornalísticas muitas vezes sensacionalistas a respeito do tema.

Com o intuito de tornar a história do acidente mais acessível para a população, no ano de 2012 o Governo de Goiás e suas respectivas Secretarias de Saúde, Ciência e Tecnologia, Comunicação, Educação, Cidade e da Cultura produziu uma edição da Revista Césio-137¹⁶ que buscou rememorar os 25 anos do acidente na cidade de Goiânia. Nessa revista, há uma entrevista com Antônio Faleiros - Secretário de Saúde de Goiás na época do acidente - que conta a respeito do drama vivido e a atuação do Estado. Nessa entrevista, Faleiros comenta como foi sua reação ao descobrir o acidente e como ele, o governador Henrique Santillo e as instituições de poder responsáveis se posicionaram para o enfrentamento da catástrofe.

Alguns pontos dessa reportagem merecem o devido destaque no presente trabalho, como por exemplo o papel da imprensa da época ao retratar o caso. Já no início da entrevista, o médico sanitarista nos conta como foi a descoberta da situação pela Secretaria de Saúde de Goiás e pela CNEN

Quando falei com o governador Santillo, ele imediatamente disponibilizou militares para me acompanhar aonde eu fosse. Eu convidei os donos do Instituto, porque já tínhamos uma suspeita, por causa de uma história que já havia sido contada, de uma peça que havia sumido de lá. O físico do IGR (Instituto Goiano de Radiologia), o Flamarion (Barbosa Goulart) levou o contador Geiger e naquele dia, naquela hora, a repórter Míriam Thomé estava fazendo uma matéria comigo sobre febre amarela. Então eu falei pra ela “vamos parar com essa história de febre amarela que está acontecendo uma coisa que nós precisamos acompanhar”. Ela foi e nos acompanhou. Foi por isso que a TV Anhanguera foi a primeira a saber. De lá nós fomos pra Vigilância Sanitária, nas proximidades do Setor Aeroporto, e depois fomos direto para o ferro velho do Devair. Lá nós vimos a quantidade de radiação que tinha e a preocupação foi aumentando. Então, fomos traçando a estratégia de como fazer, já que diagnosticamos que, de fato, era radioatividade. Fomos pra Rua 57, procurando

¹³ Conferir em CABRAL, Larissa Mendanha. Narrativas diversas, memórias em disputa: as instituições (Funleide, Suleide e Cara) criadas pelo governo do Estado de Goiás após o acidente com o Césio-137 (1988-2011). Orientador: Prof. Dr. Jiani Fernando Langaro. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

¹⁴ Posteriormente se transformou no Centro de Assistência aos Radioacidentados (CARA).

¹⁵ Conferir em WIEDERHECKER, Clyce Louise; CHAVES, Elza Guedes. Associação das vítimas do Césio-137: Identidade e diversidade de um movimento social. Universidade Federal de Goiás: Boletim Goiano de Geografia. Vol 9/10. Nº 1/2, Jan./Dez. 1989/1990.

¹⁶ PRIMEIRO BOLETIM epidemiológico. Revista Césio 137 – 25 anos: uma História para lembrar e prevenir. Goiânia, Governo de Goiás: Secretaria de Estado da Saúde, [s. v.], [s. n.], 2012. Disponível em https://www.saude.go.gov.br/images/imagens_migradas/2016/12/revista-cesio-25-anos.pdf . Acesso em: 20 Set. 2023.

rastrear as famílias. Numa casa, vimos uma senhora grávida, a família toda contaminada. Providenciamos uma estrutura para mandar o pessoal para o Estádio Olímpico e os mais contaminados, que estavam passando mal, inicialmente para o HDT. E encontramos o Ivo, todo contaminado, e a pessoa mais contaminada de todas estava brincando na rua, que era a Leide das Neves.¹⁷

Antônio Faleiros chega a comentar também a respeito da grande comoção na mídia durante o período, de modo que “na hora do Jornal Nacional as ruas ficavam desertas. Todo mundo ia pra frente da televisão, pra ver o que estava acontecendo em Goiânia”¹⁸, além da diferença de trato com a tragédia entre a imprensa local e a nacional, evidenciando como esta segunda aparentava criar um clima ainda maior de tensão e medo em relação ao estado de Goiás, seus habitantes e seus produtos, "A Isto É, por exemplo, fez uma capa que foi um horror! A manchete: ‘Goiânia nunca mais’.”¹⁹, e continua argumentando,

Por exemplo: todos os dias tinha notícia no Jornal Nacional, mas a Rede Globo nunca fez estardalhaço negativo em cima do acidente. Não foi o que fez a Hebe Camargo. Não foi o que fez a Istoé. O motivo? Acho que é aquela história: eu preciso vender mais que os outros então eu preciso fazer uma coisa diferente. Eu acho que só pode ser por aí. Qual o interesse que uma revista teria em colocar na capa: “Goiânia nunca mais”?²⁰

Para além disso, um outro trecho de muita valia da entrevista é quando se coloca em discussão como a comparação entre o acidente de Goiânia (1987) e de Chernobyl (1986) pode ter colaborado para a onda de caos e medo que foi instalada no Brasil em relação a cidade goiana:

O clima em Goiânia era de apreensão e pânico. Erroneamente, Goiânia chegou a ser comparada com Chernobyl, na Rússia, onde um reator nuclear explodiu liberando gases altamente contaminados. **O acidente de Chernobyl foi a maior tragédia radioativa de toda a história. O acidente com o Césio 137, em Goiânia, foi o maior acidente radiológico do mundo** e, por se tratar de pó, a extensão da contaminação foi controlada, resumindo-se aos focos e às pessoas afetadas. Médicos e enfermeiros não sabiam como agir com os pacientes contaminados. Em pouco tempo a cidade foi invadida por um exército de homens vestidos como astronautas.²¹

Nesse trecho Antônio Faleiros explica que o acidente de Chernobyl foi radioativo e o de Goiânia radiológico, e a diferença entre as duas nomenclaturas é devido a forma com que o elemento é exposto e suas respectivas possibilidades de enfrentamento. É interessante notar como a forma

¹⁷ *Ibidem*, p. 6

¹⁸ *Ibidem*, p. 7

¹⁹ *Ibidem*, p. 8

²⁰ *Ibidem*, p. 11

²¹ *Ibidem*, p. 13, grifos meus.

de se nomear e se referir ao episódio de Goiânia colaborou para a forma com que a população em geral lidasse com as consequências do evento.

Nesse sentido, com o intuito de entender um pouco melhor como foi a divulgação do acidente de Goiânia na imprensa local, é necessário a análise de fontes históricas que consigam nos colocar em contato com os personagens dessa trama. Para tal, a utilização de jornais e revistas se mostram essenciais enquanto ferramentas capazes de abarcar aspectos relevantes da vida cotidiana, do poder público e, principalmente, da opinião popular em relação aos acontecimentos da sociedade. Tânia Regina de Luca é um importante nome para colaborar com o debate a respeito da utilização de periódicos e revistas dentro da prática historiográfica, principalmente com o texto *História dos, nos e por meio dos periódicos* em que a referida autora nos ajuda a enxergar as diferentes possibilidades de uso dessas fontes para a realização de pesquisas em diversas áreas de estudo²².

Assim, utilizarei neste trabalho o jornal *Correio Braziliense* como fonte principal na busca de entender como foi que a imprensa regional da época retratou o acidente durante o seu primeiro mês de destaque nacional - outubro de 1987 -, a quantidade de notícias apresentadas e a relevância desse acidente no cenário nacional. Além disso, é necessário entender também como foi que esse veículo de informação pôde influenciar a população da época a partir de seu viés informativo sensacionalista ou não. O *Correio Braziliense* é um periódico natural da cidade de Brasília no Distrito Federal, que tem como foco principal a cobertura de fatos que ocorrem no cotidiano da capital da República Federal. Publicado diariamente desde 21 de abril de 1960, continua ainda a refletir nas vivências e opiniões do Distrito e das cidades próximas a ele e, apesar da distância de 200km entre a capital de Goiás e o DF, Goiânia e seus arredores também foram influenciados pelo periódico.

A primeira vez que o jornal noticiou a respeito do acidente radiológico de Goiânia foi no dia 30 de Setembro de 1987 na sessão Nacional (**figura 1**), com uma pequena coluna se referindo ao caso e uma charge ao lado ilustrando o drama, ao contrário do que apresenta Geraldo da Costa Júnior, em sua dissertação de Mestrado²³, que estudou a mesma temática aqui abordada - apenas com um recorte temporal maior. O autor afirma que a primeira notícia teria

²² Conferir em LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153

²³ COSTA JUNIOR, Geraldo da. O acidente com o Césio 137 em Goiânia nas matérias do *Correio Braziliense* - anos 1987-2007. Orientadora: Profa. Dra. Albertina Vicentini. 110 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

sido no dia 1º de outubro, com uma pequena chamada sobre a radiação, já na capa do jornal, referenciando a notícia que estaria ao longo do periódico intitulada “Radioatividade interna 16 em Goiânia: Aparelho de quimioterapia exige também a evacuação de dezenas de moradores” (figura 2), com os subtítulos “Peça foi isolada com concreto”, “População pede socorro” e “Os riscos provocados pelo céσιο”. Na primeira reportagem do dia 30 de setembro há um breve esclarecimento com informações base a respeito do caso, como a quantidade de pessoas afetadas até o momento (15), quantas estão internadas (2), os sintomas que apresentaram (queimaduras na pele, vômito e náuseas) e as primeiras medidas de segurança que foram tomadas (isolamento das áreas perigosas, encaminhamento de tratamento para envolvidos e contato com a Comissão Nacional de Energia Nuclear).

Figura 1 - “Bairro é exposto à radioatividade”, *Correio Braziliense*, 30 de setembro de 1987, p. 16

Bairro é exposto à radioatividade
 Cápsula de céσιο roubada afeitá pelo menos 15 pessoas em Goiânia

Previdência pode fechar já acordo com os grevistas

Um novo jogo inicia o bicho

Convênio preserva a memória de Tancredo

Médico explica o que é a próbótica

Góis em busca de empréstimos

TCU adota maior rigor em licitação

Brossard e a Comissão decidem voltar ao Pará

Canavieira descarta a greve na Paraíba

CAIXA LICITAÇÃO DE JOIAS

EMPRESA BRASILEIRA DE Infra-Estrutura Aeroportuária

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

COMUNICADO LOTO E LOTERIA ESPORTIVA

Brasília, quinta-feira, 1 de outubro de 1987 15

Radioatividade interna 16 em Goiânia

Aparelho de quimioterapia exige também a evacuação de dezenas de moradores

Da Sucursal

Goiânia — Até ontem, 16 pessoas estavam internadas em hospitais de Goiânia (1 no Hospital de Doenças Tropicais, 1 no Hospital Materno-Infantil, 1 no Hospital Santa Maria e 3 no Hospital Santana), vítimas de contaminação por radioatividade, provocada por um aparelho de quimioterapia que foi esquecido nos escombros do prédio Goiano de Radioterapia, que foi desativado.

Hoje, os pacientes em estado mais grave serão transferidos para o Hospital das Clínicas, porque deverá começar o processo de debrulhamento, necessitando maiores cuidados. Os técnicos do CEN-12 chegaram a Goiânia até ontem e detectaram quatro locais apresentando elevado índice de radioatividade, isolaram as áreas e evacuarão a população. Hoje deverão chegar a cidade três médicos especialistas em acidentados por contaminação radioativa, para trabalharem com as pessoas internadas e em observação. Virão também técnicos para auxiliar na avaliação da contaminação nas áreas atingidas e iniciar o processo de descontaminação.

As casas situadas nos locais

onde se registraram altos níveis de radiação foram evacuadas e os moradores obrigados a se alojar em casas de parentes. No Estádio Olímpico, a Secretaria de Saúde alojou 40 pessoas que não tinham para onde ir e todas foram submetidas a exames médicos, coleta de material para exames de laboratório em Goiânia e nos casos que exigem exames complementares específicos, serão encaminhados para São Paulo e Rio de Janeiro. No Estádio Olímpico, também, todas as pessoas que suspeitaram de estar contaminadas, foram examinadas pelos médicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CEN-12).

O técnico José Júlio Rosenthal, do CEN-12, que se deslocou do Rio de Janeiro para verificar a extensão da contaminação de pessoas residentes na área central desta capital, garantiu que “a situação é relativamente grave, principalmente para as pessoas que se contaminaram pelo contato direto com a cápsula de céso-137, de uma unidade de radioterapia, sem terem conhecimento do que estavam manipulando”. Para essas pessoas, segundo ele, “há certo grau de risco de vida”.

COMO ACONTECEU

O secretário da Saúde, Antônio Falcões, explicou que todo o problema (inedito no Brasil) surgiu depois que Roberto dos Santos Alves e seu amigo Wagner Mota Pereira recolheram sucatas nos escombros do Instituto Goiano de Radioterapia e encontraram um objeto de chumbo, do formato de um canil, e resolveram levá-lo para vender num dos ferros-velhos da cidade. Na casa de Roberto eles abriram a peça e perceberam uma “inimistade” muita pequena pedra. Depois venderam a peça a um ferro-velho, onde ela permaneceu durante vários dias até que, depois que os funcionários apresentaram problemas de saúde, foi levada à vigilância sanitária.

Roberto dos Santos está internado no Hospital Santa Maria, com lesões semelhantes a queimaduras nas mãos, braços e tórax e já apresenta outros sintomas, como a queda de cabelos. Seu amigo Wagner, está internado no Hospital de Doenças Tropicais, com sintomas de intoxicação, com queimaduras iguais às do amigo, nas mãos, braços e tórax. Ambos estão sendo submetidos a exames para detectar o grau de contaminação. Como eles, as demais pessoas, que estiveram expostas a contaminação nos últimos quinze dias, no ferro-velho e na casa de Roberto.

Peça foi isolada com concreto

Depois de tomarem pé da situação, os técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear chegaram à cidade na madrugada de ontem traçando uma estratégia para o isolamento do material radioativo que estava na sede da Vigilância Sanitária, no setor Aeroporto. No início da tarde, auxiliados por guindastes e betoneiras, eles conseguiram depositar uma manilha de concreto sobre a peça radioativa e depois chegaram a manilha de concreto.

Segundo o técnico José Júlio Rosenthal do CEN-12, o concreto deverá levar três dias para secar, mas durante este período, mais riscos para os moradores das imediações. Depois que o concreto secar, o bloco será removido para a central de lixo atômico da Cnen em São Paulo.

José Júlio Rosenthal disse que o Instituto Goiano de Radioterapia estava autorizado pela Cnen a utilizar material radioativo sob controle e fiscalização do

secretário de Segurança Pública, Ronaldo Jaime, esclareceu que promoverá investigação para identificar os responsáveis pelo abandono do material radioativo. Indiou que sua assessoria está promovendo levantamento para enquadrar os responsáveis pela clínica nas penalidades da lei.

Os técnicos da Cnen procederam a um inquérito para apurar responsabilidade, que poderá servir de subsídio às famílias atingidas no caso de um processo de indenização.

População pede socorro

A população de Goiânia, em particular os residentes dos bairros onde houve áreas isoladas pelos físicos do CEN-12, ficaram alarmados quando receberam as informações sobre o caso. Durante todo o dia de ontem, os técnicos da CEN-12, que instalaram sua base de ação no Estádio Olímpico, foram procurados por pessoas temerosas de estarem contaminadas. Quase todas foram examinadas com contadores GEIGER e as que apresentaram algum nível de contaminação ficaram no próprio estádio.

Os moradores do edifício Célia Maria, de 12 andares, perto do ferro-velho onde a peça radioativa estava, declaram claro sua preocupação. Segundo eles, a medição da radioatividade feita da porta do prédio, acusou um índice de dois pontos, considerado relativamente baixo, e segundo as autoridades, nenhum apresentava sinais de contaminação.

Outros efeitos perniciosos, de acordo com o nível da exposição. Até a leucemia ele pode provocar, como também a destruição de células e alterações genéticas.

Numa unidade de radioterapia, o céso-137 fica numa cápsula que pesa cerca de 40 quilos, totalmente blindada, com o cabeçote da fonte de energia.



A distância, a equipe do CEN-12 isola a peça radioativa com concreto (detalhe)

Os riscos provocados pelo céso

O céso-137, elemento radiotóxico que contaminou imensas pessoas em Goiânia, é um dos produtos da fissão do urânio, utilizado como fonte de esterilização e de radioterapia. No caso de sua exposição, como aconteceu em Goiânia, ele provoca a irritação nas pessoas

Servidora recebe só centavos

Bauri, SP — A funcionária pública estadual Fládir Valente Gomes Araújo, 43 anos, de Penópolis, no oeste paulista, está batendo dois recordes inéditos no Brasil: de ter menor salário já pago a um trabalhador (ela recebe em centavos o pagamento do mês) e o de estar há exatos onze anos tentando, sem sucesso, conseguir a sua aposentadoria por invalidez.

Se o caso tem seu lado pitoresco, por outro tem o seu ponto trágico. Em abril último, desceparada com a sua situação, Fládir acabou desentendendo-se com uma médica da perícia da Secretaria da Educação de São Paulo. Chegaram a agressão física. Fládir disse que o resultado dessa briga foi o aborto do bebê que estava gerando, pois encontrava-se gravida de quatro meses. Apesar disso, ela disse que não levou o caso a polícia completo da médica, que diz chamar-se Nêide.

Tudo começou há 12 anos, quando a funcionária ingressou no serviço público do Estado de São Paulo, através de concurso, para ser inspetora de alunos das escolas de Penópolis. A mulher trabalhou normalmentemente durante um ano, até que surgiu um de seus primeiros problemas de saúde. Entre outras coisas constatadas pelos médicos, Fládir tem doenças pulmonares graves e disfunções neurológicas. Considerada inapta para o trabalho, ela acabou sendo afastada temporariamente do cargo, até que exames médicos do Estado pudessem levá-la à aposentadoria por invalidez.

Mas, segundo Fládir, desde então não conseguiu a aposentadoria por invalidez e nem recebe o salário normalmente. Até 1985, ela sempre recebeu os contracheques da Secretaria da Educação, através do Banespa, com valores em centavos.

Segundo ela, o salário de uma inspetora de alunos de escola do Estado seria hoje em torno de Cr\$ 6 mil. A mulher afirma que não conseguiu explicar até hoje os motivos de tantos problemas para acertar a sua situação.

Os exames médicos atestam a minha invalidez. Se o Estado não reconhece a situação, estou obrigada a viajar a São Paulo frequentemente, sem ter condições para isso, na esperança de ver o problema resolvido. Mas na Secretaria da Educação ninguém faz nada para acertar a situação — disse ela.

Na segunda reportagem, pode ser percebido um caráter mais relevante dentro do jornal, ocupando mais espaço dentro da página do jornal, estendendo-se por meia página, de forma que o restante é preenchido por uma coluna referenciando o pagamento de servidora e com propagandas de supermercado local e da estação de comunicação via satélite. Esse é um ponto interessante a ser notado, uma vez que a importância em noticiar o evento aumentou drasticamente de um dia para outro, havendo a necessidade de detalhar cada vez mais os acontecimentos, pontuando a situação dos moradores do local afetado e explicando para população o que de fato é o Céso-137 e quais os seus riscos a saúde.

A partir de então, o periódico passa a noticiar diariamente a respeito do acidente e suas consequências, coletando informações sobre como está o estado de saúde dos envolvidos e as medidas que o estado de Goiás e a Comissão Nacional de Energia Nuclear estariam tomando para controlar a contaminação por radiação na cidade. Com o aparente intuito de esgotar o assunto e suas problemáticas ao longo de todo o periódico, o Céso-137 começa a aparecer em

diferentes seções do jornal, principalmente no segmento de notícia *Nacional* e de *Opinião*, e em menor proporção nos referentes à *Política* e o caderno de cultura *ApArte*.

Ao realizar uma análise detalhada das edições do mês de outubro do *Correio Braziliense*, é possível perceber um certo grau de sensacionalismo em algumas das reportagens lá presentes, muitas dessas que insistem em comparar o acidente radiológico de Goiânia com a explosão radioativa que afetou Chernobyl no ano anterior. Já no dia 3 de outubro, apenas 3 dias depois da primeira matéria, o jornal notícia na capa uma chamada dizendo “Radiação pode ser mortal” seguida de uma reportagem na página 12, seção Nacional, intitulada “Radiação condena vítima a morte: Três pacientes em estado gravíssimo, outros três também passam mal” (**figura 3**), mesmo que até a referida data nenhuma vítima tivesse ainda falecido devido às consequências da contaminação com o Césio-137.

Esta página é quase inteiramente destinada ao acidente de Goiânia, dividindo espaço apenas com outras quatro temáticas - “previdência formaliza proposta”, “Bienal abre com três obras”, “Padre diz que teme ser assassinado” e “Fundo ajuda a combater as drogas” - além de duas propagandas publicitárias na porção final da folha. Já no começo da notícia do correspondente do Rio de Janeiro, há a veiculação da informação de que “três dos seis pacientes internados no hospital naval Marcílio Dias, no Rio, vítimas do acidente nuclear ocorrido em Goiânia, têm poucas chances de sobreviver às lesões provocadas pelo césio-137”, a partir da entrevista concedida pelo vice-presidente Amihay Burlá, diretor de saúde da Marinha.

A temática dá sequência com o texto da sucursal de Goiânia, demonstrando o medo dos parentes das vítimas com a notícia do estado grave dos pacientes e com o receio da população de Goiânia em ter o material radioativo espalhado na cidade devido as chuvas da região, além da notícia de que um pedaço do cabeçote da máquina de radioterapia foi encontrado na Cidade de Goiás (antiga capital de Goiás), a mais de 100km da capital atual, mas afirmando o controle da situação pelos técnicos da CNEN.

Há também uma coluna da AFP de Paris intitulada “Acidente apenas engrossa uma extensa lista”, em que é feita uma listagem de todos os 14 acidentes radioativos acontecidos no mundo desde o ano de 1963 com a explosão em Kychtym, a 1.700 km de Moscou, até 1986 com o acidente nuclear em Chernobyl na antiga União Soviética.

14. Brasília, sábado, 2 de outubro de 1987. CORREIO BRAZILIENSE

Radiação condena vítima à morte

Três pacientes em estado gravíssimo, outros três também passam mal

Da Correspondente

Rio - Três dos seis pacientes internados no hospital geral de Goiânia, vítima de acidente nuclear ocorrido em Goiânia, estão em estado gravíssimo, com risco de morte. Os outros três também passam mal, segundo médicos.

Os médicos afirmam que os pacientes em estado gravíssimo não têm chance de sobrevivência. Os outros três também passam mal, segundo médicos.

Os médicos afirmam que os pacientes em estado gravíssimo não têm chance de sobrevivência. Os outros três também passam mal, segundo médicos.

Da Redação

Três dos seis pacientes internados no hospital geral de Goiânia, vítima de acidente nuclear ocorrido em Goiânia, estão em estado gravíssimo, com risco de morte. Os outros três também passam mal, segundo médicos.

Os médicos afirmam que os pacientes em estado gravíssimo não têm chance de sobrevivência. Os outros três também passam mal, segundo médicos.

Os médicos afirmam que os pacientes em estado gravíssimo não têm chance de sobrevivência. Os outros três também passam mal, segundo médicos.

Parentes entram em desespero

Os pais de um dos pacientes em estado gravíssimo estão em estado de desespero. Eles não sabem o que fazer para salvar o filho.

Os pais de um dos pacientes em estado gravíssimo estão em estado de desespero. Eles não sabem o que fazer para salvar o filho.

Os pais de um dos pacientes em estado gravíssimo estão em estado de desespero. Eles não sabem o que fazer para salvar o filho.

Césio, um metal de uso estratégico

O césio é um metal de uso estratégico. Ele é usado em reatores nucleares e em equipamentos médicos.

O césio é um metal de uso estratégico. Ele é usado em reatores nucleares e em equipamentos médicos.

O césio é um metal de uso estratégico. Ele é usado em reatores nucleares e em equipamentos médicos.

Fiscalização feita à distância

A fiscalização de produtos químicos é feita à distância. Isso permite que os órgãos competentes acompanhem a produção e o transporte de substâncias perigosas.

A fiscalização de produtos químicos é feita à distância. Isso permite que os órgãos competentes acompanhem a produção e o transporte de substâncias perigosas.

A fiscalização de produtos químicos é feita à distância. Isso permite que os órgãos competentes acompanhem a produção e o transporte de substâncias perigosas.

Capítulo não está agora

O capítulo não está agora. A situação atual é muito delicada e requer uma abordagem cuidadosa.

O capítulo não está agora. A situação atual é muito delicada e requer uma abordagem cuidadosa.

O capítulo não está agora. A situação atual é muito delicada e requer uma abordagem cuidadosa.

Figura 3 - "Radiação condena vítima à morte", *Correio Braziliense*, 03 de outubro de 1987, p. 14.

Acidente apenas engrossa uma extensa lista

Padre diz que teme ser assassinado

Bienal abre com três mil obras

Previdência formaliza proposta

Parentes entram em desespero

Césio, um metal de uso estratégico

Fiscalização feita à distância

Capítulo não está agora

Muitas comparações foram feitas entre o acidente de Goiânia e da usina nuclear em Chernobyl, prejudicando o acesso à informação coerente sobre o assunto. Nesse contexto, foram-se criando apelidos pejorativos para o caso, vinculados principalmente por meio de charges e comentários de opinião ao longo do periódico. A sessão *Opinião* passou a receber colunas específicas para tratar o assunto, além de charges que ilustram a situação ali abordada, deixando transparecer a opinião de seus jornalistas sobre o tópico. Estes textos poderiam variar

entre a ironia e a sátira sobre o caso e as escolhas institucionais que estavam sendo tomadas no momento, e a simpatia e cuidado com as vítimas e toda a população afetada de alguma forma no acidente.

Nesse sentido, as **figuras 4, 5, 6 e 7** abaixo listadas podem nos ajudar a entender um pouco de como a narrativa foi construída pelo jornal, uma vez que todas elas são referentes aos trechos apresentados no primeiro momento de divulgação do acidente, em que o Estado de Goiás e a CNEN ainda possuem pouca ou nenhuma habilidade para lidar e manejar a situação. Na primeira delas, Expedicto Quintas²⁴ compara o caso com a produção cinematográfica *Síndrome da China*, em que há um incidente em um reator nuclear, completando que esta possui

uma versão jocosa - e nem por isso menos trágica - no acidente de Goiânia. Trata-se da “Síndrome do Ferro Velho”, onde os refugos existentes nesses depósitos podem conter não apenas o Césio-137, mas também o Cobalto, Urânio e o Cádmió(...)”²⁵

Quintas, apesar de se dizer preocupado com a situação e seus envolvidos, deixa transparecer um certo sarcasmo ao retratar a situação.

O que pode ser observado nos textos referentes às figuras **5, 6 e 7** é a constante utilização do tom apelativo para se referir ao acidente, a partir da utilização de termos que colaboram para o aumento do medo na população. Em “Descontrole Nuclear”²⁶, parece haver um certo desespero do escritor ao afirmar

Diante desse quadro alarmante, em primeiro lugar a opinião pública tem o direito de saber qual a verdadeira extensão da catástrofe nuclear de Goiânia. E, depois, quais as providências que as autoridades a cargo do controle nuclear adotam para evitar um novo acidente.²⁷

Nas outras duas colunas, “A nossa Chernobyl” e “Goianobyl é uma lição”, escritas pelo mesmo autor, Renato Riella²⁸, há uma comparação óbvia entre o acidente em Chernobyl com o de Goiânia já nos dois títulos, que parece ser amenizada ao longo do texto quando o autor explica um pouco melhor o caso. Ainda assim, utilizar essas terminologias logo no título da matéria de opinião ajuda a construir essa aproximação entre os dois acidentes e a aumentar o medo da população que se vê desprotegida pelas autoridades de poder.

²⁴ “Síndrome do Ferro Velho”, *Correio Braziliense*, 05 de outubro de 1987, p. 4.

²⁵ *Idem*

²⁶ “Descontrole nuclear”, *Correio Braziliense*, 07 de outubro de 1987, p. 2.

²⁷ *Idem*

²⁸ Renato Riella aparece em outros momentos no periódico descrito como Secretário de Redação, o que confere a ele a autoridade e relevância ao tratar das temáticas ao longo do *Correio Braziliense*.

Figura 4 - “Síndrome do Ferro Velho”, *Correio Braziliense*, 05 de outubro de 1987, p. 4.

Síndrome do Ferro Velho

EXPEDICTO QUINTAS



Em uma escala de gravidade o acidente de Chernobyl alcançou um grau máximo: digamos 100. Dentro do mesmo padrão, para medir a agressão ambiental, a ameaça à integridade da vida animal e à potencialidade de morbidez, o infelizmente desastre causado pelo Césio-137, em Goiânia, pode ser estimado em 99. Essa classificação foi dada na capital de Goiás pelo diretor de Segurança Nuclear, da Comissão Nacional de Energia Nuclear, ao analisar o episódio que vitimou dezenas de pessoas e admitindo que até agora, em termos contemporâneos, somente a hecatombe russa ultrapassou o drama vivido pelos goianienses.

Pelos levantamentos conhecidos pode ser feito um mapeamento que horroriza inquieta pelo inusitado descontrolado mantido pelas autoridades públicas — do Município, do Estado e da União — em relação aos equipamentos contendo material radioativo e que, pelos perigos que representam, pura e simplesmente, não são cadastrados, tomando-se por base o que aconteceu com a bomba de Césio-137, entregue à responsabilidade do Instituto Goiano de Combate ao Câncer. Embora desativado para uso radioterápico, o equipamento não teve anotada a sua baixa, ficando irresponsavelmente abandonado, até que foi encontrado por dois catadores de papel e vendidos a um ferro-velho, como sucata. Supondo tratar-se de algo valioso, o proprietário aventurou-se em abrir a estrutura de proteção a machadadas, conseguindo afinal o seu intento.

O pó, assim libertado, espalhou-se pela residência, causando queimaduras e outros efeitos fisiológicos perturbadores. Vômitos, tonturas e diarreia. Sendo uma substância amarelada e com forte poder de aderência, o cloreto de césio radioativo, inclusive, teria sido objeto de brincadeira por parte das crianças, que ingenuamente o passaram na pele, liudidos pela sua fluorescência e pela aparência com a luz dos vagalumes.

Ainda não está perfeitamente definida a extensão dos danos sofridos por todos aqueles que manipularam esse talco diabólico. Aqueles que mais diretamente o manusearam já estão sofrendo as consequências nosológicas da radioatividade. A maioria encontra-se internada no Hospital Marcellio Dias (Rio de Janeiro, do Ministério da Marinha, todos cercados de cuidados especialíssimos. Existem, pelo menos dois pacientes com queimaduras e lesões muito graves, com suas vidas ameaçadas, não sendo improvável um desfecho fatal ou seqüelas irreversíveis. Para os demais a leucemia é uma perspectiva maldada que poderá surpreendê-los.

Aléijões, morte, destruição, vidas cortadas em seu destino em razão de incuria, inépcia, irresponsabilidade, desídia. Torna-se inaceitável admitir que não haja um cadastramento para acompanhar o destino e a localização dessas fontes permanentes de agravos a terceiros.

Cadê os padrões de controle para identificar correta e instantaneamente onde estão e como estão essas chernobil em miniatura e que por desgraçada conspiração do acaso — uma delas foi cair nas mãos de catadores de papel e acabou vendida para um ferro-velho? Imagine-se os descaminhos que poderiam ter levado essa perigosa carga de Césio-137 para uma escola pública, um centro social comunitário, ou então abandonado em área urbana de densa movimentação!

A Comissão Nacional de Energia Nuclear está obrigada a vir a público para uma ampla satisfação, informando os planos de controle que identifique espacial e funcionalmente a localização desses focos de radioatividade.

A “Síndrome da China” que levou para a ficção cinematográfica as ameaças de um reator atômico, em fusão descontrolada, penetrando no interior da terra e levando o pânico para os nossos antípodas orientais, tem uma versão jocosa — e nem por isso menos trágica — no acidente de Goiânia. Trata-se da “Síndrome do Ferro-Velho”, onde os refugos existentes nesses depósitos podem conter não apenas o Césio-137, mas também o Cobalto, o Urânio e o Cádmio, todos eles passíveis de se apresentarem sob a forma de radiossótopos, representando uma agressão potencial, que pode, inclusive, significar a morte ou a perda irrecuperável da saúde. E no agenciamento dessa síndrome de fundo de quintal estarão, em lugar de engenheiros nucleares, físicos e físico-químicos, tão somente catadores de papel ou inocentes crianças.

Para os responsáveis pelo acidente de Goiânia não poderá haver perdão. Nem para eles haverá lugar no quadro nacional da impunidade, cuja lotação já deve estar esgotada para esse tipo de crime que ainda não se pode classificar corretamente. Se de lesa-coletividade, lesa-inocência ou lesa-ignorância. Todavia, irremediavelmente, um crime.

Figura 5 - “Descontrole nuclear”, *Correio Braziliense*, 07 de outubro de 1987, p. 2.

Descontrole nuclear

Os gravíssimos efeitos da radiação de Césio 137 em Goiânia, com a contaminação até agora de 49 pessoas, algumas em estado crítico, coloca a questão de saber quais os riscos a que está exposta a população brasileira pela manipulação irresponsável de material nuclear. No episódio em exame, sabe-se que uma cápsula com o mineral radioativo, em uso numa antiga clínica médica, foi parar em um comércio de ferro-velho e, daí, rompida, liberou o seu conteúdo letal.

Sabe-se pouco desse episódio, apesar de tratar-se do maior acidente com Césio 137 já ocorrido no mundo. São escassas e mal divulgadas as informações, num assunto que interessa não apenas à população de Goiânia, exposta ao risco mais imediato e mortífero, mas a todo o País. Do pouco que se sabe, conclui-se que é precário, ineficaz mesmo, o controle sobre a utilização de equipamento atômico. A Comissão Nacional de Energia Nuclear não tinha conhecimento da existência daquela cápsula, como não deve ter de outras, conforme admitiu um de seus porta-vozes.

Diante desse quadro alarmante, em primeiro lugar a opinião pública tem o direito de saber qual a verdadeira extensão da catástrofe nuclear de Goiânia. E, depois, quais as providências que as autoridades a cargo do controle nuclear adotam para evitar um novo acidente. O sacrifício das pessoas contaminadas exige pelo menos isso.

Figura 6 - "A nossa Chernobyl", *Correio Braziliense*, 08 de outubro de 1987, p. 2.

RENATO
RIELLA

A nossa Chernobyl

Com o Super-Homem, era a kriptonita. A estranha pedra emitia uma radiação luminosa e o herói das histórias infantis ficava fraco, vulnerável, só não morrendo porque sempre recebia um socorro providencial.

Na nossa vida real, surge o Césio-137, figura cabalística que assusta Goiânia, despertando a imaginação dos sonhadores e criando pânico na população. Com uma diferença: o Super-Homem não existe e a salvação providencial, que sempre ocorria nas revistas, fica bem difícil na realidade.

A imprensa tem dado uma cobertura intensa ao acidente nuclear goiano, mas em nenhum momento surgiu o nome do físico responsável pelo equipamento. A ele cabe toda e qualquer responsabilidade. Como se pode abandonar um equipamento tão explosivo?

Na verdade, estamos servindo de cobaias para o resto do mundo nesse episódio trágico. A falta de rotinas e de experiência nos leva a ampliar os efeitos do acidente. E mais: como o Césio-137 não explode, todos nós subestimamos o acontecimento denunciado em Goiânia no mês passado. Esta foi a diferença básica entre o acidente nuclear de Chernobyl e o de Goiânia.

O resultado é que ainda estamos sentindo os efeitos desse menosprezo inicial pelo Chernobyl goiano. Até hoje, as autoridades envolvidas no acompanhamento do caso não estabeleceram uma política de comunicação segura, verdadeira e corajosa. Afinal de contas, a radiação vai estar presente em Goiânia durante quanto tempo? As casas afetadas serão mesmo demolidas? A rede de esgotos foi atingida? Há ou não partículas de Césio perdidas? Precisamos de respostas urgentes, para essas perguntas.

Figura 7 - “Goianobyl é uma lição”, *Correio Braziliense*, 12 de outubro de 1987, p. 2.

RENATO
RIELLA

Goianobyl é uma lição

Mesmo acusada de sensacionalista, a imprensa cumpriu com o seu dever ao denunciar a falta de esclarecimentos à comunidade no acidente nuclear de Goiânia. Havia muito desencanto nas informações passadas aos jornais, pela falta de uma política aberta de comunicação.

Agora a população já está suficientemente esclarecida, depois que o presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear, Rex Nazare, foi a TV, em nome do presidente José Sarney, apresentar a verdadeira dimensão do acidente. Por seu lado, o governo de Goiás também apresentou um relatório minucioso do acidente, tranquilizando todos os segmentos da comunidade que, embora livres da contaminação, se sentiam potencialmente ameaçados.

Demorou, mas o caso que alguns chamam de Goianobyl parece já estar sob controle. As vítimas estão identificadas e sob assistência médica, o rejeito nuclear foi localizado e será convenientemente isolado, além do fato de que a vida em Goiânia começa a voltar à normalidade. Já era tempo, mas tudo isso — inclusive a demora em agir com segurança e firmeza — é fruto da falta de experiência.

Torna-se necessário, agora, que o caso goiano sirva de impulso para uma campanha nacional de levantamento das possíveis fontes de contaminação radioativa. Na quarta-feira passada, em Santa Catarina, um vazamento de radiação a partir do irídio foi denunciado e muitas outras ameaças a imprensa já denunciou nos últimos tempos.

O Governo precisa determinar à Comissão Nacional de Energia Nuclear um levantamento rigoroso de todas as máquinas que usam fontes radioativas, em todos os estados, para que desleixos como o Goianobyl não atinjam comunidades inocentes e ignorantes.

A própria Constituinte deveria aproveitar a oportunidade para colocar em discussão, novamente, o assunto. Houve muita pressão, na fase das subcomissões, para que o controle das pesquisas e do uso de energia nuclear fosse menos rígido. Os argumentos pareciam razoáveis, porque se acreditava que as medidas oficiais de segurança fossem realmente seguras. Depois do Goianobyl, a Comissão Nacional de Energia Nuclear precisa recuperar a própria imagem, provando que o Brasil tem condições de se cuidar sozinho nessa área.

Algumas temáticas referentes ao caso se tornaram mais comuns durante o mês de outubro, como a discussão sobre de quem seria a responsabilidade pelo acidente, o medo da contaminação por radiação e todo o quadro que envolveu a criação do cemitério atômico, sendo esta última uma questão importante para o debate da História Ambiental. Durante esse primeiro mês de descoberta da contaminação pelo Césio-137, muitas narrativas e opiniões a respeito do caso foram divulgadas pela imprensa local e nacional, ao passo que a população de Goiânia começou a enfrentar um medo muitas vezes irracional envolvendo a contaminação pelo material radioativo, fato comprovado em diversas matérias do *Correio Braziliense* ao longo do mês.

Uma hipótese encontrada para justificar esse receio com relação ao acidente é claramente o desconhecimento da maioria da população brasileira a respeito de desastres radioativos ou radiológicos, juntamente com a já debatida comparação indevida praticada pela mídia entre o acidente de Goiânia e o acidente de Chernobyl. Como já falado anteriormente, essa foi uma problemática encontrada muitas vezes ao longo do jornal no mês de outubro de 1987. Nesse sentido, podemos analisar a constante tentativa do Estado de Goiás e suas Secretarias, da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) e do Colégio Brasileiro de Radioterapia (CBR) em publicar notas e comunicados que visavam acalmar a população e manter a histeria sob controle.

Logo abaixo, na **figura 8**, observa-se de forma muito clara a diferença de atuação da imprensa e dessas instituições de poder acima citadas. A notícia principal veiculada na capa do jornal se refere ao caso de Goiânia, com a seguinte manchete que chama bastante atenção: “**Goianobyl é o maior acidente - e o mais grave do Ocidente**”; seguido de um breve texto que remonta o que seria abordado nas páginas a seguir afirmando a gravidade do problema pela autoridade do físico norte-americano Gerard Hansel, a garantia feita pelo presidente da CNEN, Rex Nazaré, de que o lixo radioativo não ficará destinado em Goiás e a fala do governador Henrique Santillo tranquilizando a população a respeito da segurança das águas e dos rios de Goiás, em relação a contaminação por Césio-137.

Ao fim da página, de forma simples e objetiva, se encontra o comunicado da CBR e da CNEN na tentativa de garantir à população brasileira a respeito da efetividade do trabalho por eles produzidos no controle, isolamento e descontaminação dos locais afetados, na colaboração com a Polícia Federal em investigar a responsabilidade do acidente e na garantia do órgão em proteger a população por mais de 30 anos em atividade. Logo ao lado está o pronunciamento do Saneamento de Goiás S.A. (Saneago) e Superintendência Estadual do Meio Ambiente

(Semago) na análise dos cursos de água de Goiânia para tranquilizar a população sobre a não-contaminação e segurança para o uso.

Apesar de toda a tentativa dos órgãos públicos em limpar a imagem de Goiás e afirmar a segurança em relação à radiação, o *Correio Braziliense* continua a permitir reportagens e comentários que, de alguma forma, colaboram para a imagem pejorativa e jocosa a respeito do caso. As duas imagens referenciadas na **figura 9** foram retiradas do caderno de cultura do jornal, o *ApArte*, que normalmente promove debates e apresenta o quadro artístico de Brasília e região, abordando temáticas que envolvem o cinema, música, novelas, vida de figuras públicas e até mesmo comentários de leitores em assuntos diversos. Intitulada como “Goianobyl - irresponsabilidade (atômica) sem tamanho”, encontramos várias colunas de reportagens que remetem ao acidente, como a explicação sobre o que é o Césio-137, a gravidade do assunto em comparação ao observado em ficções científicas, a questão de discriminação com as vítimas do acidente, o debate que trata do mito dessa energia limpa e segura e, de forma bastante didática, uma espécie de relatório com as informações básicas do acidente do dia 30 de setembro a 8 de outubro.

Apesar de ser uma matéria ao todo bem completa e informativa, na parte superior esquerda da página 6, encontramos mais uma vez o acidente sendo descrito de forma jocosa a partir do título “**O Chernobyl do pequi**”²⁹ acima de duas imagens bastante significativas do acidente. Em uma delas podemos ver um grupo de quatro pessoas na porta de um avião, todas utilizando roupas especiais e aparatos de proteção contra a contaminação, com a legenda “A realidade imita a ficção científica. Não é um filme e a FAB não está indo à lua”³⁰. A segunda imagem se refere a dois homens, aparentemente agentes de segurança que trabalharam no acidente, limpando com uma mangueira de água o que parece ser escombros de uma rua ou casa, legendado com “Imagem como essa parece ser de Chernobyl, mas é de Goiânia”³¹. Nesse sentido, vemos mais uma vez como o jornal peca na forma que decide retratar e apresentar o acidente que afetou milhares de famílias e cidadãos goianienses.

²⁹ “Goianobyl - irresponsabilidade (atômica) sem tamanho”, *Correio Braziliense (Caderno de Cultura ApArte)*, 11 de outubro de 1987, p. 6.

³⁰ *Idem.*

³¹ *Idem.*

Figura 8 - "Goianobyl é o maior acidente - e o mais grave do Ocidente", *Correio Braziliense*, 09 de outubro de 1987, p. 1

CORREIO BRASILENSE

ÓRGÃO DOS "DIÁRIOS ASSOCIADOS" - LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA - BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

Brasília, sexta-feira, 9 de outubro de 1987



Um tapete contaminado pelo Césio-137 foi isolado no tambor, que por sua vez ficava vedado dentro do tubo de concreto

GOIANOBYL É O MAIOR ACIDENTE

E o mais grave do Ocidente

O acidente de Goiânia não é maior do que o de Chernobyl, mas é o mais grave já ocorrido no hemisfério Ocidental. A imprensa é do físico norte-americano Gerard Hanel, que está em Goiânia acompanhando as consequências do acidente causado pela radiação do Césio-137. O item o físico percorreu os locais interditados pela Comissão Nacional de Energia Nuclear e manifestou sua apreensão com a extensão do acidente. Depois de encontro com o governador Henrique Santillo, o presidente da CENEN, Rex Nazare Alves, garantiu que definitivamente os rejeitos contaminados pelo Césio não ficarão em Goiás. Hoje, Rex Nazare conversará com o presidente José Sarney sobre a destinação que será dada ao lixo radioativo. Fontes da Presidência da República garantiram que o Presidente se pronunciará hoje sobre o assunto. O governador Henrique Santillo procurou tranquilizar a população, ao garantir que não há nenhum comprometimento da água ou dos rios de Goiânia e a situação na capital está sob controle. "É claro que um evento como esse é motivo de grande apreensão. Atualmente, algumas pessoas se submetem à radiação por tempo mais prolongado e com sua saúde em risco. No entanto, é bom que se afirme também, desde o primeiro instante se tomaram todas as providências para que houvesse seu controle da situação", afirmou o governador. Página 16

Gasolina pode subir de novo

Novos aumentos nos preços dos combustíveis, até o fim do ano e sempre em percentuais acima da inflação, serão sugeridos ao presidente José Sarney pelo Ministério das Minas e Energia, como forma de cobrir o déficit da Petrobras. A ideia geral da proposta é a mesma que levou ao aumento de 15 por cento, há dois dias, contra uma inflação de 5,68 por cento desde o reajuste anterior. E, mais uma vez, o Ministério das Minas e Energia propõe que o Governo reduza a carga de impostos e taxas que incidem sobre a gasolina e o álcool — tais como PIS-Pasep, Finsocial, Imposto Único sobre Combustíveis e Lubrificantes e empréstimo compulsório. Já os fabricantes de cigarros decidiram voltar a anunciar em todos os meios de comunicação, para amenizar a queda de 3,5 por cento nas vendas. Página 9

HOJE

A edição compõe-se de 40 páginas, assim distribuídas:

Opinão	2
Política	3 a 8
Economia	9 a 14
Atualização	15 a 17
Nacional	18 a 19
Internacional	20 a 21
Esporte	22 a 24
Cidade	25
Polícia	26 a 31
Artes	32
Televisão	33

E mais o Caderno de Classificados com 8 páginas.

Preço desta edição: Distribuição gratuita. Outras Edições: R\$ 0,50. Outros Estados: R\$ 0,70.

TELEMANHÃ

O ex-lider do Governo na Câmara, deputado Rômulo de Azevedo, o deputado José Thomaz Nogueira, do PFL de Alagoas, e o diretor técnico do DIAP, Ulisses Redel, são os convidados do Telemanhã de hoje, que vai ao ar às 20h30 na TV Brasília, Canal 6.

BANEZ

Os funcionários do Banco do Estado da Bahia de todo o País entrarão em greve ontem por tempo indeterminado, até que a direção do Banco atenda as suas reivindicações. Página 18

LOTO

O maior prêmio individual até agora pago pela Loto, R\$ 29.528.226,27, saiu para oito pessoas de Porto Velho (Rondônia), que marcaram num 9 no cartão de dezesseis números, 51, 79, 91 e 94 do Concurso de 48 sorteios ontem em Brasília.

Caderno de Classificados & Serviços

Páginas: 12
Anúncios: 2.565
SEÇÕES E EDITORIAIS
Turismo & Lazer
Plantas & Jardins
Modas & Beleza
Consultório
E mais:
Previsão do Tempo

Reforma vem para enxugar

Junto com a reforma ministerial, o presidente José Sarney está estudando uma reforma administrativa que poderá extinguir ou fundir ministérios, enxugando algumas governanças. A antiga tese do Ministério da Economia volta à tona com o previsto de englobar, nesse novo órgão, os ministérios da Fazenda, Planejamento e Indústria e do Comércio. Há muitas especulações sobre ministérios a serem nomeados por Sarney nas próximas horas, mas tudo indica que o desfecho da reforma ocorrerá após a visita do Presidente à Venezuela, na próxima semana. No entanto, contatos e estudos já estão sendo feitos, a partir do discurso presidencial que exigiu apoio político. O item, o pronunciamento de Sarney repercutiu em todas as áreas, mas o PMDB e o PFL procuraram esquivar o impacto do documento divulgado pelo Planalto, adiantando decisões de apoio ou rompimento até que a situação esteja mais clara. Página 3 e 4

Operação Tartaruga já incomoda

A Operação Tartaruga deflagrada pelos agentes policiais há alguns dias já começa a surtir efeitos, pelo menos na população, que tem reclamado da demora no atendimento. Autoridades da Secretaria de Segurança Pública sabem, mas os policiais sustentam que estão realmente trabalhando em ritmo lento, na tentativa de sensibilizar tanto a sociedade quanto o CIDP para seus problemas. Eles reivindicam salários mais justos e melhores condições de trabalho, com relação aos salários eles querem que, pelo menos, sejam equiparados aos dos agentes da Polícia Federal. E quanto ao trabalho, pedem as mínimas condições, como por exemplo, a distribuição de munição para as diligências. Página 23

Feriado esgota as passagens

Quem quiser aproveitar o feriado, se prepare. Não será fácil obter passagens em avião e rodoviárias para as cidades mais procuradas estão praticamente esgotadas. A Transbrás e a Varig ainda têm alguns assentos disponíveis para São Paulo e Rio de Janeiro. A Tupacintuca ainda tem algumas vagas para o Rio e Belo Horizonte. E se quem não estiver disposto a entrar de avião, a estrada também não é a melhor opção. Já foram beneficiadas e salvas pelo tratamento radioterápico. Página 23

Militar aplaude pronunciamento

A solenidade que marcou o lançamento do Sonda IV, o primeiro foguete produzido com tecnologia brasileira, na Base de Operações da Barreira do Inferno em Natal, foi aplaudida por um clima de muito otimismo. Além da própria euforia com o avanço na área espacial, as autoridades presentes, principalmente os ministros militares, não pararam de elogiar o pronunciamento do presidente José Sarney feito na véspera em cadeia de rádio e TV. Página 6

Irã ataca os EUA mas é rechaçado

O Irã resolveu não esperar por uma "segunda agressão" dos Estados Unidos para iniciar o confronto entre os dois países no Golfo Pérsico. Ontem três lanchas iranianas de alta velocidade dispararam contra dois helicópteros de patrulhamento norte-americano, mas receberam a resposta de que as embarcações foram incendiadas, segundo fontes do Pentágono. No dia 21 de setembro a Marinha dos EUA abateru e destruiu o navio "Iran AJR" sob suspeita de abrigar minas no Golfo. A operação de abateram custou aos iranianos cinco de seus 31 tripulantes. Página 18

Nicarágua quer diálogo

Ao pedir que o presidente Ronald Reagan medite bastante antes de se decidir e se lembrar que "Bamby só existe no cinema", o presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, o presidente da ONU um convívio aos Estados Unidos para que iniciem um diálogo bilateral, 30 dias depois do dia 5 de novembro, quando entra em vigor o acordo de paz para a América Central. As críticas de Ortega provocaram a retirada do embaixador dos EUA na ONU, Vernon Walters, que nem chegou a ouvir a proposta. Página 19

Nota Oficial

Ao povo de Goiânia

A Saneago e a Semago Informam que técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear e Semago vêm executando análises nos cursos de água de Goiânia, em especial no manancial abastecedor da capital, como também reservatórios do sistema de abastecimento de água e que não foi encontrado nenhum vestígio de contaminação radioativa. Informam, ainda, que estas análises estão sendo adotadas como procedimento de rotina, para garantir a qualidade do serviço prestado à comunidade goianiense. A população pode ficar tranquila com relação à utilização da água distribuída. Saneamento de Goiás S.A. Superintendência Estadual do Meio Ambiente

Comunicado da C.B.R. e da C.N.E.N. sobre o acidente de Goiânia

O Colégio Brasileiro de Radiologia (CBR), Departamento Científico da Associação Médica Brasileira, que congrega todos os médicos ligados à área de radiação e responsável pela emissão de técnicas de radioterapia, medicina nuclear e radiodiagnóstico e a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CENEN), responsáveis pelo controle e fiscalização das atividades nucleares no Brasil, esclarecem: O todo o ponto onde ocorreu contaminação por radiação de Césio 137 estão sob controle, isolados e sem risco para a população de Goiás. Diversos depósitos já foram descontaminados e liberados. O CBR e a CENEN não colaboram estreitamente com a Polícia Federal no isolamento para apurar responsabilidades relacionadas ao furto da fonte Césio 137 e suas graves consequências. O CBR e a CENEN, com a responsabilidade de órgãos técnicos com mais de 30 anos de atividades sem acidentes na área de radiação, garantem à população que ela não corre mais nenhum risco ligado ao atual acidente, podendo continuar com todas as suas atividades normais. O CBR e a CENEN, as duas entidades lamem o acidente e lamem que milhares de pessoas, só na cidade de Goiânia, já foram beneficiadas e salvas pelo tratamento radioterápico. Sidney de Souza Almeida Presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia Rex Nazare Alves Presidente da CENEN

GENTE DE BRASÍLIA

Feliz quem pode dizer que venceu na vida sem muito esforço. Este não é o caso do jornalista, escritor e cronista Clemente Ribeiro da Luz que, aos 87 anos, ainda enfrenta a batalha diária para complementar seu magro salário de aposentado. Grande conhecedor da "alma brasileira", com quase 20 anos na cidade, Clemente tem oito livros publicados, dois dos quais sobre Brasília. Página 24

Figura 9 - “Goianobyl - irresponsabilidade (atômica) sem tamanho”, *Correio Braziliense* (Caderno de Cultura *ApArte*), 11 de outubro de 1987, p. 6 e 7.



Ponto essencial a ser citado neste trabalho é finalmente a destinação de todos os rejeitos radioativos que o acidente gerou, desde os mais óbvios, como a própria peça que continha o material radioativo, as peças de roupas e calçados das vítimas, móveis e objetos presentes nas casas afetadas, como também parte da estrutura física das moradias contaminadas, o terreno e parte da vegetação que precisaria ser retirada. De acordo com bibliografias sobre o tema, foram cerca de “6 mil toneladas de lixo, acondicionados em uma embalagem especial para os restos da fonte de Césio; 4.223 tambores comuns, de 200 litros cada; 1.347 caixas metálicas; 8 recipientes de concreto e 10 containers marítimos”³² que precisariam ser realocados e guardados de forma segura, mas nenhum estado brasileiro estava disposto a ceder parte de seu território para abrigar o causador de um dos maiores acidentes da época.

³² PRIMEIRO BOLETIM epidemiológico. Revista Césio 137 – 25 anos: uma História para lembrar e prevenir. Goiânia, Governo de Goiás: Secretaria de Estado da Saúde, [s. v.], [s. n.], 2012. P. 27. Disponível em https://www.saude.go.gov.br/images/imagens_migradas/2016/12/revista-cesio-25-anos.pdf. Acesso em: 15 Out. 2023.

Nesse sentido, o *Correio Braziliense* passa a retratar também o drama de Goiás e sua tentativa de retirar o material radioativo de seu território para finalmente tranquilizar a população goiana. Entretanto, não é de se estranhar que nenhum outro estado estivesse inclinado a receber os rejeitos radioativos que tanto causavam pânico, passando a ser incumbência do presidente da república, José Sarney, decidir o destino do lixo. Já no dia 10 de outubro, é anunciado pelo *Correio* que Sarney decidiu que o destino seria a Serra do Cachimbo, no sul do estado do Pará. Na mesma página, se noticia um segundo acidente radioativo no Brasil - agora em Santa Catarina, na usina de Tubarão - que, apesar dos danos causados, estava controlado e a região se mantinha nos níveis de segurança esperados.

De acordo com o recorte da matéria, demonstrada na **figura 10**, intitulada “Cachimbo será depósito de rejeitos”, a escolha da região foi pensada levando em consideração a baixa população do local, a não atividade sísmica e a pluviosidade controlada, além de ser também uma região que possui uma base aérea militar que facilitaria todo o processo. O que não foi dito até então é que essa mesma região possui uma população indígena ativa, que deveria ser protegida pelo Estado brasileiro de influências sociais externas.

Esta não teria sido a primeira vez que essa mesma região foi cotada como área de destinação de lixo radioativo por parte de alguma instituição pública. Ao analisar edições anteriores do jornal, mais precisamente no mês de agosto do ano de 1986³³, encontra-se várias reportagens que fazem referência ao descobrimento de um campo de teste nuclear na área militar da Serra do Cachimbo. Todo o caso começou a partir da divulgação pela *Folha de São Paulo* que denunciava a utilização do local como área de teste nuclear, gerando uma grande discussão na imprensa nacional e no setor político para tratar a viabilidade do Brasil em realizar esse tipo de teste na área em questão³⁴. Nesse sentido, é importante questionar o tipo de política nuclear que o Brasil vem aplicando ao longo dos anos e, principalmente, qual a viabilidade real em administrar esse tipo de empreendimento.

³³ “Arma nuclear é desmentida - Nota diz que energia atômica só para fim pacífico”, *Correio Braziliense*, 9 de agosto de 1986, p. 7. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/028274_03/85958. Acesso em: 30 Out. 2023.

³⁴ Conferir em “O Pará contra a ameaça atômica – Por Heber Gueiros”. Disponível em <https://bacananews.com.br/o-para-contra-a-ameaca-atomica-por-heber-gueiros/>. Acesso em: 30 Out. 2023.

Santa Catarina também tem acidente radiativo

Usina de Tubarão registra vazamento de radiação de uma fonte de irídio. Não há vítimas

LUIZ GALVÃO
De Nacional

Paraná - O acidente ocorreu no depósito de irídio-192, usado para a radioterapia de alguns tipos de câncer. O vazamento ocorreu na Usina de Tubarão, no município de Jaraguá, a 140 quilômetros de Florianópolis, em uma unidade da empresa Odebrecht, a responsável pela produção de irídio-192 para a radioterapia.

Uma fonte de irídio-192, acidente ocorreu na usina de produção e não há graves, segundo a Eletropar.

Moreira diz que lixo não fica no Rio

— Em meio aos trabalhos, o governador Moreira Franco afirmou que o lixo radioativo não ficará no Rio de Janeiro. Ele afirmou que o lixo será enviado para um local adequado e que a Eletropar terá a responsabilidade de garantir a segurança do lixo.

Prefeito: outro abuso

O presidente do Conselho Municipal de Tubarão, Álvaro Trindade, afirmou que se trata de um abuso da Eletropar. Ele afirmou que a empresa não deveria estar produzindo lixo radioativo em um município pequeno.

Sarney manda Tuma prender culpados

O presidente José Sarney mandou prender o diretor da Eletropar, Ruy de Sá, e o gerente de produção, Celso de Sá. Ele afirmou que eles são responsáveis pelo acidente e que devem ser punidos.

Cachimbo será depósito de rejeitos

Uma área de 100 hectares em Cachimbo, no sul de Santa Catarina, será destinada para o depósito de rejeitos radioativos. A área foi escolhida por ser uma zona desabitada e com baixo índice pluviométrico.

Secretário pede mudança

O secretário de Meio Ambiente, Paulo Roberto, pediu a mudança do local do depósito de rejeitos radioativos. Ele afirmou que o local atual não é adequado.

Físico condena a discriminação

O físico nuclear, Carlos Chaves, condenou a discriminação contra as pessoas afetadas pelo acidente. Ele afirmou que elas são vítimas e devem ser tratadas com respeito.

Menino é internado com radiometria

Um menino de 10 anos de idade foi internado em um hospital devido a sintomas de radiometria. Ele foi exposto ao vazamento de irídio-192.

Novas transferências

Dois técnicos da Eletropar foram transferidos para trabalhar em outros locais. Eles foram transferidos devido ao acidente.

Golânia não é Chernobyl

O acidente em Golânia não é comparável ao acidente de Chernobyl. Ele afirmou que o acidente em Golânia foi menor e não causou graves consequências.

Cachimbo será depósito de rejeitos

O presidente José Sarney determinou à Comissão Nacional de Energia Nuclear (CEN) que o lixo radioativo decorrente do Césio 137, em Golânia, seja transportado e enterrado na Serra do Cachimbo, no Sul do Paraná, onde funciona uma base da Aeronáutica.

O presidente da CEN, Rex Nazaré, recebeu a comunicação ontem, quando esteve no Palácio do Planalto para fazer um relato ao ministro Bayma Dennys, chefe do Gabinete Militar e secretário-geral do Conselho de Segurança Nacional, a quem está subordinada a comissão. A região de Cachimbo, segundo o presidente da cnen, embora seja chuvosa, não põe

em risco as normas de segurança para depósito de rejeitos nucleares que, basicamente, são de baixo índice pluviométrico (ocorrência de terremotos ou deslocamento de terra) e pequena população.

De acordo com Rex Nazaré, o primeiro local escolhido para depósito de lixo atômico foi o Raso da Catarina, na Bahia, que causou muitos protestos quando foi feito o anúncio pelo ex-presidente da Nuclebrás, Paulo Nogueira Batista. Então decidiu-se pela procura de outro local que fosse área federal, de grande superfície e que, por alguma razão, tivesse que ser isolada e não habitada.

Foi escolhido então um ponto de testes militares, do qual seria retirada uma pequena área, "onde seriam realizados estudos para saber se poderiam ser colocados resíduos". Depois disso foi feito um estudo ecológico da região a fim de garantir, através de medidas efetivas, e não da paixão, que a localização desse material não causasse nenhum impacto à região". O rejeito será colocado dentro de contêineres de aço. O presidente da CEN informou também que, para a retirada do lixo radioativo, os técnicos vão contar com a colaboração de tropas do Exército, o mesmo batalhão que atuou nos terremotos do México.

O Estado do Pará passa a se manifestar publicamente contra a transferência dos dejetos para seu território, com a emblemática manifestação pública do governador Hélio Gueiros, destinada ao presidente da república José Sarney, que tem a intenção de impedir que a transferência seja de fato realizada. A declaração pode ser analisada na íntegra a partir da **figura 11**, chamando a atenção do leitor por ocupar mais da metade da folha do periódico no intuito de denunciar o absurdo que a população paraense estava enfrentando.

O chamado “*telex*” se refere ao pronunciamento do presidente da CNEN, Rex Nazareth, dado em cadeia nacional para avisar sobre a escolha do local de destinação dos rejeitos e tranquilizar a população goiana de que a situação estaria sob controle, sem, entretanto, se referir ou acalmar a população paraense. Nesse sentido, Gueiros comunica, entre outras coisas, que o estado do Pará não deveria ser considerado apenas quando se trata de destinação de lixo que outro estado da federação produziu, levantando o debate sobre a importância de se haver um destino fixo para esse rejeito que é produzido, seja pelas usinas nucleares ou por equipamentos médicos. Além disso, toca no ponto importante de que esse estado já é afetado ambientalmente pela ação de madeireiras e mineradoras, e que não é justo que o povo paraense seja alvo também da ação da indústria nuclear.

Figura 11 - “O Pará não é lata de lixo do Brasil”, *Correio Braziliense*, 14 de outubro de 1987, p. 7.

O PARÁ NÃO É LATA DE LIXO DO BRASIL.

O Governador Hélio Gueiros enviou ao Presidente José Sarney o seguinte telex, no sábado passado, após a transmissão feita através de uma cadeia nacional de rádio e televisão, pelo presidente da Comissão Nacional de Energia Atômica, Rex Nazareth:

Presidente José Sarney,

Estimado e honrado, tome conhecimento, através do pronunciamento em cadeia nacional da Comissão de Energia Nuclear, que o eminente Presidente acabou sugerindo esse órgão técnico para que venha para o Estado do Pará o material perigoso que tantas desgraças está causando ao povo goiano.

Conheço um desarmado, senhor Presidente, que o Pará e os paraenses não teriam sido consultados nem previamente informados de tão amarga decisão, como se este território fosse reserva para linha de defesa que o resto do Brasil não tem, ou que não presta. Ou como se isto aqui fosse terra de ninguém, sem autoridade constituída, sem povo que mereça respeito ou mesmo simples consideração para ser sequer consultado sobre assunto tão sério como esse.

É um absurdo, eminente Presidente, que esse correio da Comissão Nuclear ocupe cem por cento do seu horário na televisão, para tranquilizar a família goiana de que o material está sob controle e será de lá retirado urgentemente - o que faz em tom de ironia de ironia - e não se fugir nem se incomode de dirigê-lo diretamente ao povo do Pará, para tranquilizá-lo qual parente de sangue e de tranqüilidade, numa demonstração de sua falta de sensibilidade e de respeito para com iguais brasileiros que residem no Pará, agora sob a mesma terrível ameaça que já fez sobre goianos.

Não dá para entender, senhor Presidente, como é mais seguro ardeir com esse material perigoso viajando por todo o Brasil até chegar ao Pará do que limitar e restringir sua nefasta presença à área onde ele se encontra, como equívoca a Comissão Nuclear, a área atingida em Goiás é muito restrita e se não há necessidade de isolamento de grande porte para eliminar os riscos da radioatividade do material ardeirado, como se admitir que o Estado de Goiás, que quase divide em dois, não tenha um sítio adequadamente seguro para receber o seu lixo atômico? O Pará, Presidente - se o dirigente da Comissão não sabe, sabe bem Vossa Excelência - é uma região já muito castigada pela ação do mercúrio nos seus milhares de garimpos, além de sofrer insuperável devastação de suas florestas com a implantação de grandes projetos e exploração madeireira, o que não torna muito mais viável a qualquer acidente com material radioativo. Por outro lado, eminente Presidente, - se o dirigente da Comissão não sabe, sabe Vossa Excelência - o Pará é uma área de maior precipitação pluvial no país, e há risco de o material radioativo se potencializarem numa associação supermotora atingindo facilmente os milhares de pessoas indígenas que caracterizam o nosso subúrbio, funcionando essa combinação como uma verdadeira bomba atômica, que, sem explodir o mesmo elemento, pode provocar a contaminação para todos os povoados do Município de Itaituba, uma das regiões mais ricas do Pará e do Brasil, Município que mais cresce no mundo, na proporção notável de quatorze por cento ao ano.

Por fim, senhor Presidente - se o dirigente de Comissão não sabe, sabe muito bem Vossa Excelência -, essa obrigatória notícia está sendo transmitida ao Pará e aos paraenses na véspera de sua festa maior e mais forte que é o Dia de Nazaré, com todos os espelhos, bandeiras e alegrias, e em lugares de festa, sobre não se abate a chocante mutilação do portador da Comissão Nuclear.

É difícil saber o que o Pará e os paraenses podem fazer para impedir a contaminação calamitosa, e é por isso que, nessa perplexidade, me dirijo ao eminente e sensível Presidente, que é filho de terra goiana e nossa, que também se inclina na área de risco, na esperança de que Vossa Excelência reflique sua honrosidade ao desastrosado papão da Comissão de Energia Nuclear, mande restituir o assunto e ocupe o Pará e o seu povo - que só têm sido coisas boas e generosas para o Brasil - de receberem como fruto o tratamento de sanatório deparado, e o nosso rico e belo território seja transferido em fôlego nacional para receber o material radioativo, de qual, no entender da Comissão de Energia, não podem ficar no resto do Brasil, mas podem ser jogados daqui por diante na vida comum a que queremos transformar o solo e o subúrbio paraense. Senão, eminente Presidente, de qualquer situação em que Vossa Excelência se encontrar para decidir sobre os destinos para os resíduos atômicos, desastrosamente tratados em Goiás, mas os paraenses e o meu Governo agarrados em sua boca nem de lá não sair a praça sem fim em direção ao seu e ao nosso querido Pará. Com a convicção dos meus humildes respeito e confiança, saúdo-o muito cordial e esperançosamente.

Hélio Gueiros
Governador Constitucional do Estado do Pará.

GOVERNO HÉLIO GUEIROS

A Serra do Cachimbo é uma região de vegetação amazônica que possui um forte potencial hidrográfico devido a acumulação de nascentes de rios na região, além de ser um espaço ocupado por diversos povos indígenas. Nesse contexto, faz-se necessário pontuar a atuação desses povos da Serra do Cachimbo na luta para impedir que os rejeitos radioativos fossem para lá realocados, uma vez que essa transferência iria repercutir não só na vida das cidades locais da região mas também no cotidiano de mais de dois mil e quinhentos indígenas - aldeados ou não - que lá vivem³⁵. Assim como mostra as **figuras 12 e 13**, referentes ao dia 15 de outubro de 1987, essas populações se organizaram politicamente e protestaram afim de exigir a segurança daqueles diferentes povos contra o terror azul que vinha de Goiás. É interessante perceber o absurdo político que essa decisão causaria, ao colocar essas populações nativo-americanas em contato com o fruto mais recente do descaso e mau uso de tecnologia nuclear.

Figura 12 - “Lixo atômico agora é do Congresso”, *Correio Braziliense*, 15 de outubro de 1987, p. 1.



³⁵ Conferir em https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/17033_20101103_185109.pdf. Acesso em: 30 Out. 2023.

Figura 13 - “Sarney transfere o abacaxi para o Congresso - E em meio a muitas pressões, é decidido que o lixo atômico não vai para a serra do Cachimbo”, *Correio Braziliense*, 15 de outubro de 1987, p. 15.



Essa é uma questão pouco discutida nas bibliografias a respeito do Césio-137: como a sociedade moderna deve lidar com os resquícios radioativos advindos da produção de energia nuclear ou de maquinários da medicina que utilizam dessa tecnologia? Após o caso de Goiânia, ficou decidido que cada estado da federação deveria ser responsável pelo seu próprio lixo proveniente desse processo, e é nesse contexto que o governo de Goiás começa a construir o depósito que contribuiria para a finalização do terror em Goiânia. Na **figura 14**, o *Correio Braziliense* noticia a respeito do local escolhido para a criação do depósito que abrigaria as 6 mil toneladas de lixo radioativo. O distrito de Abadia de Goiás, pertencente ao município de Trindade, foi escolhido devido ao baixo número populacional da área e suas características físicas que permitem segurança ao material que lá seria colocado.

Inicialmente este depósito seria uma solução temporária, até que fosse criada uma área nacional definitiva para acomodar esses resíduos. Mesmo temporário, a pequena população do distrito de Abadia de Goiás se revoltou devido a escolha do local, mais uma vez impulsionada pelo medo de contaminação daquele material pouco conhecido. A partir dessa escolha, foi-se desenhando essa nova fase de transferência dos resíduos para finalmente voltar a uma certa normalidade na cidade. O depósito que seria temporário acabou se tornando uma unidade tecnológica vinculada a CNEN, chamado de Centro Regional de Ciências Nucleares do Centro-

Oeste, e ainda hoje promove a segurança e proteção do material radioativo lá alocado³⁶, contribuindo para o desenvolvimento de Abadia de Goiás, que pôde ser emancipada e ter grau de município após a criação do depósito.

Figura 14 - "Goiânia define a área para depósito do "lixo" - Cemitério atômico provisório fica perto da rodovia BR-60 e a 25 km do palácio do Governo", *Correio Braziliense*, 17 de outubro de 1987, p. 14.

Goiás define a área para depósito do "lixo"
Cemitério atômico provisório fica perto da rodovia BR-60 e a 25 km do palácio do Governo

Da Sucursal
 Goiás - Fica às margens da BR-60, na altura do quilômetro 216, entre Goiânia e Guapo, a área escolhida ontem pelos técnicos da CENEA, Superintendência do Meio Ambiente de Goiás e Prefeitura, destinada a receber, provisoriamente, os resíduos contaminados pelo Césio-137. A área em alqueires de extensão, pertence a Prefeitura e é utilizada como cascalheira para obras no município.

Coabe do prefeito Joaquim Horti, no coordenador da CENEA, José Julio Rosental, no superintendente da Semago, Harim Ipasgo, e no secretário de Transportes, Gerardo Félix, apresentar a área à imprensa. Do Palácio das Esmeraldas até o local onde o lixo será depositado provisoriamente são exatos 25 quilômetros.

Embora seja uma área de puro cascalho, ela tem em suas divisas os córregos Dourados e Algodões e está distante de assalto da BR-60 apenas 1 quilômetro.

DIFICULDADES
 Não foi fácil a definição da área. De cerca de seis locais colocados à disposição da CENEA, o técnico José Julio Rosental optou pela cascalheira por ser a que apresenta melhores condições. Está distante do centro da cidade, possui poucas chácaras ao seu redor, com número muito pequeno de moradores.

Mesmo assim houve resistência por parte dos proprietários rurais da localidade, que todos se dedicam à pequena pecuária e produtos hortigranjeiros. Para que houvesse consenso, o prefeito chamou a seu gabinete, o prefeito de Trindade, vereador, principalmente, o representante do Distrito de Abadia, que fica três quilômetros da área escolhida e os proprietários das chácaras.

Durante mais de duas horas debateram, principalmente questões relacionadas à segurança de não serem atingidos pela radiação e a desvalorização das chácaras. O prefeito garantiu a todos eles, o compromisso tanto do governo de Goiás como da Prefeitura de que serão indenizados de qualquer prejuízo nesse sentido, se ocorrer.

REAÇÃO
 O morador mais próximo da área definida é Abel Alves do Nascimento, doutor e seu filho, Antônio Nascimento, as negociações com o prefeito. Ele garantiu à imprensa que esteve no local, que a apreensão da família está. "Mas o prefeito nos garantiu toda a segurança. Se observarmos que este compromisso não está sendo respeitado, para denunciar" explicou.

Além de Abel, existem várias outras chácaras ao redor da área, distante cerca de 800 metros. O distrito de Abadia, que pertence ao município de Trindade, está a 2 quilômetros do local. A sede recreativa do Sindicato dos Condutores Autônomos de Veículos (taxis): faz divisa de cerca de 100 metros.

O lixo não começará a ser colocado imediatamente no local. Antes disso, Rosental disse que são necessárias várias obras no local, entre elas a de terraplenagem de determinada área, para compactação e concretagem, para que os contêineres e os tambores com os resíduos não tenham contato com o solo.

O prefeito Joaquim Horti garantiu que hoje mesmo as máquinas da Cria começarão a trabalhar na preparação do local. Serão instalados pontos de energia elétrica, água e um aparelho telefônico no local, para que durante o tempo que os resíduos permanecerem, tenha uma infra-estrutura para qualquer emergência.

O técnico revelou que os tambores que já estão lacrados e prontos para serem armazenados serão levados imediatamente para o local. Para o início do processo de limpeza completa, principalmente da Rua 57, que é onde estão localizadas maiores quantidades de resíduos.

Hospital já não atrai pacientes
 Goiás - (Da sucursal) - Uma que teve o desleixo dos funcionários do Hospital Geral do Inamps de retornarem ao trabalho, depois de receberem, assinado pelos coordenadores onde eles garantem que não há nenhum risco de serem contaminados pela presença de pacientes em tratamento pelo contato com o césio-137, eles praticamente não estão trabalhando faltam doentes.

Ontem, primeiro dia de funcionamento normal do hospital, o centro de triagem ficou praticamente parado porque poucas foram as pessoas que procuraram o hospital.

Ipasgo sabia do perigo, diz PM
 Goiás (da Sucursal) - Os policiais militares Raimundo Nonato da Silva (cabo) e José Marques (soldado), que no dia 4 de maio último estiveram na sede desocupada do Instituto Goiano de Radioterapia, para impedir a retirada de material a pedido do Ipasgo, depuseram no inquérito que está sendo realizado pela Polícia Federal e confirmaram o fato, acrescentando que a funcionária do Ipasgo, que chamou a P.M., disse que a peça não podia ser retirada porque era ra-

Sema levanta fontes de radiação
 A partir da próxima semana será realizado um levantamento, em todo o País, das instalações que abrigam material radioativo, a partir de informações já cadastradas pela Comissão Nacional de Energia Nuclear (CENEA). O anúncio foi feito pelo secretário Especial de Meio Ambiente, Roberto Messias Franco. Segundo ele, o levantamento será divulgado logo e visam a tranquilizar a população.

A Secretária Especial de Meio Ambiente (Sema) vai executar ainda, a partir de janeiro, um vasto programa de fiscalização de fontes de radiação.

De acordo com o *Correio Braziliense*, as duas primeiras vítimas da tragédia, Maria Gabriela Ferreira (38) e Leide das Neves Ferreira (6), falecem no dia 24 de outubro no Hospital Naval Marçílio Dias no Rio de Janeiro, seguidas de Israel dos Santos (22) no dia 27 de outubro e Admilson Alves de Souza (18) no dia 28 do mesmo mês. Quando ocorre a morte das primeiras duas vítimas, o jornal faz questão de noticiar todos os pontos que envolvem a tragédia, desde a saída dos corpos do estado do Rio de Janeiro até a chegada em Goiás, e aquilo que se refere também a preparação do enterro das vítimas, como a preparação do cemitério, tamanho das covas e estrutura do caixão, transformando toda a história em um grande espetáculo a ser noticiado.

Há ainda a celebração de um culto no pavilhão do Hospital Geral do Inamps, com a participação de políticos, médicos, enfermeiros e parte da população goianiense. Entretanto, quando há de fato o enterro das primeiras vítimas no dia 26 de outubro, ocorrem protestos com

³⁶ Conferir em <http://antigo.cnen.gov.br/orientacoes/2-uncategorised/566-crcn-co>. Acesso em: 31 Out. 2023.

a intenção de impedir que os corpos fossem sepultados³⁷, demonstrando uma diferença de postura entre parcelas da sociedade a respeito do acidente.

Finalmente, é interessante pontuar a relevância do debate a respeito da criação de depósitos definitivos dos materiais radioativos para a História Ambiental, sejam eles provenientes de usinas de geração de energia ou mesmo de resquícios de materiais médicos. Isso porque esta é ainda uma temática muito recente na história da humanidade, levando em conta a temporalidade dos fatos e os acidentes radiológicos e nucleares presenciados até então ao redor do mundo. De acordo com o site da CNEN³⁸, o cemitério atômico de Goiânia deverá ser vigiado por cerca de 300 anos ou mais, devido a meia-vida de 30 anos do Césio-137, ou seja, ainda possuímos pouca noção de como de fato lidar com esses materiais.

Além disso, analisar a fonte aqui proposta a partir da perspectiva da História Ambiental significa prontamente procurar nela aquilo que fala sobre o meio ambiente, sua importância ou não para o caso. Por esse motivo, é importante pensar também como a criação desses depósitos acaba interferindo na vida da população local, como ocorre a interação dessas pessoas com esse ambiente e se há uma maior aceitação da ciência nuclear devido à proximidade desses indivíduos com os chamados cemitérios atômicos.

Acidente radiológico e o ensino de história

A partir do que foi levantado no presente trabalho, é notável a relevância dessa temática para a história do povo goiano, que ainda sofre com as sequelas da radiação e com o estigma causado em torno dos radioacidentados mesmo após décadas do acidente. Nesse sentido, inserir esse acontecimento nos conteúdos referentes ao Ensino de História no estado de Goiás se faz essencial para a valorização da memória das vítimas desse acidente e, principalmente, para a população que pouco conhece a respeito dos processos que se deram desde a descoberta da dispersão do material radioativo até a resolução do caso com a construção do cemitério atômico e auxílio governamental para as vítimas do acidente.

O caso de Goiânia é ainda hoje muito discutido no meio acadêmico e também fora dele, sendo cada vez mais importante a realização de um debate educacional dentro da área da

³⁷ “Protesto no enterro em Goiânia - Moradores tentam impedir o sepultamento das vítimas da radiação”, *Correio Braziliense*, 27 de outubro de 1987, p. 11.

³⁸ CNEN. “Perguntas frequentes: 42 - Quais ações seriam tomadas se houvesse contaminação do meio ambiente?”. Disponível em <http://antigo.cnem.gov.br/perguntas-frequentes-2#42> . Acesso em: 01 Nov. 2023.

História e Ciências Humanas que dêem conta das particularidades do assunto de forma coerente e científica. Atualmente, a temática do acidente com o Césio-137 no ensino básico tem sido abordada, principalmente, na Geografia para tratar do meio ambiente ou mesmo na área das Ciências Naturais, com o ensino de Física, Química e mais raramente na Biologia. Entretanto, é necessário propor também uma discussão dos conteúdos referentes ao acidente dentro da História e suas áreas de pesquisa, utilizando diferentes tipos de fonte para a realização deste trabalho.

Ao analisar os currículos da educação básica como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo de Goiás³⁹, esperava-se encontrar alguns parâmetros de apoio pedagógico que poderiam indicar, de forma clara, as possibilidades dessa temática serem tratadas em qualquer lugar do Brasil nas diferentes disciplinas do ensino fundamental ou médio. Entretanto, o que encontramos é uma falta de apoio no currículo que possibilitaria esse trabalho ao longo do ensino básico, uma vez que nem na BNCC e nem no Currículo de Goiás há claramente esse conteúdo no ensino de História. Na BNCC, há, porém, a possibilidade tangencial de trabalhar o acidente do Césio-137 na área das Ciências Humanas do Ensino Médio se optarmos pela Competência Específica 3 que visa

Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global⁴⁰

Essa Competência possui as Habilidades (EM13CHS304)⁴¹, (EM13CHS305)⁴² e (EM13CHS306)⁴³ que possibilitam, entre outras coisas, pensar o impacto socioambiental causado pelo acidente, discutir o papel da CNEN e da Secretaria de Saúde de Goiás no caso e avaliar as medidas de contenção do lixo radioativos e seus impactos socioambientais.

³⁹ Ambos estão integralmente disponíveis no site da Base Nacional Comum Curricular. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 Nov. 2023.

⁴⁰ Base Nacional Comum Curricular. Ciências Humanas e Ciências Aplicadas. p. 574.

⁴¹BNCC. Ciências Humanas e Ciências Aplicadas. Habilidade (EM13CHS304) - Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável. p. 575.

⁴²BNCC. Ciências Humanas e Ciências Aplicadas. Habilidade (EM13CHS305) - Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis. p. 575.

⁴³BNCC. Ciências Humanas e Ciências Aplicadas. Habilidade (EM13CHS306) - Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros). p. 575.

No Currículo de Goiás, mesmo que tenhamos competências específicas para a disciplina de História que contemplem o que seria administrado no ensino da história do acidente de Goiânia, não há conteúdos específicos sobre o caso no Ensino Fundamental - anos iniciais e anos finais. As competências que nos ajudariam nesse caso seriam a 1, 2 e 3⁴⁴, que buscam compreender os acontecimentos históricos e sua historicidade em determinado tempo e espaço, levando em consideração as estruturas políticas, sociais, econômicas e culturais, de forma que essas questões sejam tratadas a partir do uso de documentos históricos como fonte.

O único momento em que o acidente radioativo é referido de forma direta no Currículo de Goiás é na divisão referente ao ensino de Ciências da Natureza, no 9º ano do Ensino Fundamental II, a partir da unidade temática que compreende a matéria e energia com os conteúdos “aspectos quantitativos das transformações químicas; Estrutura da matéria Radiações e suas aplicações na saúde”⁴⁵. Para garantir esse objetivo, ao se tratar de um acidente radioativo, são necessárias as habilidades (EF09CI06-B), que consiste em “analisar informações sobre o acidente com o Césio-137 ocorrido em Goiânia, discutir suas causas e consequências”⁴⁶ e a (EF09CI06-C), buscando “reconhecer a importância da radioatividade e as medidas de proteção radiológica”⁴⁷.

A partir da análise dos currículos até então realizada, acredito ser importante apontar a necessidade de uma mudança em ambos os documentos, para que permitam uma abordagem mais aprofundada na área da História sobre o caso com contaminação a partir do Césio-137 em Goiânia. Isso porque, ao meu ver, não faz sentido que um evento de tamanha magnitude para a população goiana não esteja sequer referido em seu currículo educativo na área da História. Essa situação colabora com a ideia de que o Estado continua a silenciar o direito à memória das vítimas dessa tragédia - seja ao não efetivar a construção de monumentos e museus para as vítimas da radiação ou a não oferecer esse conteúdo em suas disciplinas obrigatórias no ensino regular.

Entretanto, mesmo que esse conteúdo não esteja explícito nos currículos disponíveis, é importante lembrar que há uma certa liberdade dos profissionais da educação em trabalhar esse

⁴⁴ Conferir em Documento Curricular para Goiás. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/go_curriculo_goiias.pdf. Acesso em: 02 Nov. 2023. p. 480.

⁴⁵ Conferir em Documento Curricular para Goiás. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/go_curriculo_goiias.pdf. Acesso em: 02 Nov. 2023. p. 515.

⁴⁶ *Idem.*

⁴⁷ *Idem.*

tema de forma tangente, uma vez que faça sentido para a disciplina e para a vivência dos alunos. Essa proposta educativa pode ser feita de forma interdisciplinar - ao trabalhar com as disciplinas das ciências da natureza que possuem esse conteúdo como obrigatório - ou mesmo de forma restrita na área da história, e é a partir dessa pequena liberdade profissional que buscarei construir uma proposta de trabalho utilizando o *Correio Braziliense* como fonte.

O uso de fontes históricas em sala de aula tem se mostrado uma abordagem extremamente eficaz para o entendimento do conteúdo por parte dos estudantes, principalmente por permitir que eles se tornem personagens ativos no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a dissertação de mestrado de Andresa Maria dos Santos, publicada em formato de livro eletrônico, é um referencial importante para se pensar a possibilidade de aplicação de fontes em sala de aula ao abordar o acidente radioativo de Goiânia. Santos decide trabalhar com a *Série Césio 137* do artista plástico goiano Siron Franco, natural de Goiás e importante nome na denúncia e exposição do caso de Goiânia⁴⁸, ao analisar em sala de aula algumas das obras que fazem parte da série de quadros sobre o acidente

A *Série Césio 137*, de Siron Franco, é o documento artístico e histórico central deste material, que abordará aspectos de tais representações como, por exemplo, breves históricos acerca do acidente radioativo em Goiânia em 1987, bem como a trajetória do artista e seu posicionamento social-cultural-político por meio da linguagem artística e dos valores simbólicos. Assim, esse material poderá auxiliar em abordagens do fato mencionado a partir da contextualização das imagens, através da leitura e decodificação de seus símbolos, implementando práticas metodológicas e propostas do ensino de Arte, em diálogo com as investigações e as interpretações dos documentos históricos.⁴⁹

Nesse sentido, pensando a efetividade educacional mostrada pela autora ao trabalhar com pinturas em sala de aula, acredito ser viável também utilizar recortes jornalísticos do *Correio Braziliense* na tentativa de entender, juntamente com os estudantes, como o acidente foi retratado por parte da imprensa brasileira. Além disso, seria interessante discutir com esses alunos de que forma as charges e textos jornalísticos veiculados no periódico, foram capazes demonstrar a opinião pública a respeito das atitudes tomadas por parte do poder público sobre o acidente e suas consequências.

⁴⁸ A atuação do artista aparece no *Correio Braziliense* em diversos momentos, como por exemplo quando lança a série de quadros que retratam a tragédia goiana. Conferir em “Siron retrata na tela toda a tragédia”, *Correio Braziliense*, 25 de outubro de 1987, p. 24. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/028274_03/105167 . Acesso em: 01 Nov. 2023.

⁴⁹SANTOS, Andressa Maria dos. A série Césio-137 – Goiânia Rua 57, de Siron Franco: o uso da imagem na compreensão histórica. 2017. Dissertação (história, cultura e formação de professores) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017, p. 150.

É importante demonstrar que a intenção aqui não é elaborar uma oficina pronta a partir das fontes propostas, definindo estrutura e objetivos específicos para a abordagem, mas sim demonstrar apenas uma possibilidade de uso a partir do conteúdo desses recortes. A partir disso, as fontes que irei aqui analisar para serem usadas em sala de aula são três charges do ilustrador Fernando de Castro Lopes veiculadas no *Correio Braziliense* no mês de outubro de 1987, nomeadas neste documento como **figuras 15, 16 e 17**.

A **figura 15** é uma charge publicada no dia 10 de outubro, localizada na seção *Opinião* da edição 08946 e leva como tema a polêmica envolvendo a destinação do lixo radioativo na Serra do Cachimbo, no sul do estado do Pará. Essa edição do jornal é justamente a que está anunciada de forma clara a decisão do Presidente José Sarney em escolher um local para o depósito definitivo do lixo radioativo, sem ouvir ou levar em consideração a opinião da população local. Do lado esquerdo da charge vemos uma figura humana, vestindo roupas e aparatos de proteção radiológica - macacão, luvas, máscara e capacete -, que segura acima da própria cabeça um tambor de ferro - muito conhecido nas fotografias da imprensa por ser usado para restringir o material radioativo - escrito “**Goianobyl**”, que libera no ar uma nuvem preta de radiação.

Logo ao lado desse personagem, encontramos um amontoado de animais silvestres - anta, onça pintada, borboleta, macacos, cobra, tucano e outros pássaros - próximos a uma bananeira, com um grande cacho de banana pendurado. Entre esses animais podemos ver escrito “*A burrice na sua mais alta manifestação!*”, demonstrando o absurdo que seria despejar em meio a natureza um material de alta periculosidade. Essa é uma charge que ajuda a pensar não só o acidente do Césio e a escolha do tratamento do lixo radioativo, mas também em como a sociedade brasileira muitas vezes menospreza a vida animal e a trata como meio para alcançar qualquer objetivo, sem analisar claramente as consequências desses atos.

Figura 15: “Goianobyl: A burrice na sua mais alta manifestação!”, *Correio Braziliense*, 10 de outubro de 1987,

p. 2



A **figura 16** está disponível na edição 08948 do dia 12 de outubro, que anuncia na capa a chegada da radiação em Anápolis - cidade que fica a 60km de Goiânia. Demonstrando a incapacidade da Comissão Nacional de Energia Nuclear em gerir e conter o acidente, a edição do dia 12 traz na seção *Opinião*, em que se localiza a charge, dois textos referentes ao caso de Goiânia: “Desleixo Nuclear” e “Goianobyl é uma lição”. A charge mostra um homem centralizado na imagem, com árvores à sua volta e uma grande nuvem preta representando a radiação saindo de sua cabeça. Descalço e com vestimentas simples, esse homem simboliza a imagem clássica do “homem das cavernas” ao carregar um bastão em seus ombros, mas traz consigo também um aparelho *Geiger* de medição de radiação na outra mão e uma placa escrita “CNEN” pendurada em seu tronco.

O personagem da charge está sorrindo, de certa forma tranquilo apesar da situação que se encontra, podendo ser analisado como demonstração do despreparo do órgão em lidar com o caso e o possível desconhecimento dos perigos da situação em que o Brasil se encontrava. Durante o debate em sala de aula, é importante lembrar com os estudantes que as charges não significam uma verdade absoluta, mas sim a forma como aquele ilustrador decide retratar a

situação. Nesse sentido, seria interessante também o exercício dos estudantes buscarem outras fontes que comprovem ou desmintam o que é retratado na ilustração.

Figura 16: “CNEN”, *Correio Braziliense*, 12 de outubro de 1987, p. 2



A última charge que será comentada é referente a **figura 17**, localizada na edição 08949 do dia 13 de outubro daquele mesmo ano. Já na capa está anunciada a notícia “Goiás transforma a área contaminada em parque”, dizendo que a principal área de contaminação será desapropriada e utilizada pelo Governo de Goiás para a construção de um parque em memória das vítimas. A ilustração aparece logo na página seguinte, também na seção de *Opinião*, como as charges anteriores, porém com a maior quantidade de elementos até então, necessitando de uma análise minuciosa.

No plano de fundo, podem ser vistos um amontoado de prédios que representam a cidade de Goiânia, e em primeiro plano observa-se uma cena que lembra a vida selvagem. Com a presença de diferentes espécies de animais - anta, macacos, onça pintada, cobra, jacaré, diversas aves e um cachorro - por toda a imagem, adultos e crianças olhando incrédulos para o “parque” recém criado. Dos dois lados da ilustração vê-se duas grandes árvores frutíferas, uma delas carregando uma placa escrita “*Fifty-seven street*”, fazendo referência a rua 57 em que a cápsula com Césio-137 foi rompida. O homem, a mulher e as crianças, com roupas simples e

discretas, olham perplexos para o monumento de pedra, que possui um resquício de Césio-137 protegido por uma cúpula de vidro transparente em seu topo. Toda a estrutura é protegida por arames baixos no chão, permitindo a aproximação daqueles que desejarem - inclusive do cachorro, que urina no monumento.

Figura 17: “Cesius CXXXVII park”, *Correio Braziliense*, 13 de outubro de 1987, p. 2.



As charges acima citadas podem ser objetos geradores de debates interessantes em sala de aula, uma vez que o material permite a participação ativa dos alunos e suas respectivas interpretações sobre o que está ilustrado. Entretanto, é necessário que haja sempre a intervenção do docente para que a colaboração dos estudantes seja viável e de fato contribua para a aula, colaborando não só para a construção de uma atividade lúdica, mas também permitindo que os estudantes sejam personagens ativos na construção de conhecimento.

Nesse sentido, Paulo Freire nos ajuda a entender como deve ser o processo educacional e como a atuação do professor também é essencial para a criação de um ambiente de ensino democrático, que respeite a individualidade, os saberes dos educandos e que permita-os se expressarem. Nessa perspectiva, o autor é pontual ao dizer que

Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria. Por isso também é que ensinar não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento do ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que

resulte a memorização maquinal que já critiquei. Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do contexto.⁵⁰

Essa abordagem educacional que visa o uso de charges foi pensada levando em consideração também o que a BNCC diz sobre o ensino de história, “é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram”⁵¹. É importante criar em sala de aula uma espécie de laboratório historiográfico, para que os estudantes se aproximem do material estudado e, assim, se conectem com mais facilidade com o conteúdo proposto.

Considerações finais

O acidente radiológico com o Césio-137 em Goiânia (1987) foi um dos mais graves do século XX, indiscutivelmente considerado pela imprensa como um período de terror para o Brasil e para o Ocidente. Gerado por um descaso público e privado em garantir a segurança do material radioativo, ocasionou sequelas econômicas, sociais, ambientais e psicológicas para a população goianiense, principalmente para os moradores da região afetada e para os funcionários de segurança pública que trabalharam na contenção do caso.

O terror em torno da tragédia se deu não só pelo desconhecimento da maior parte da população sobre a radiação e seus riscos, mas também, em grande parte, pela atuação dos canais de informação que veicularam o caso. Assim como apresentado ao longo deste trabalho, o *Correio Braziliense* difundiu muitas vezes uma visão sensacionalista a respeito do acidente e seus riscos. Um dos grandes marcos dessa postura do jornal é observada na forma escolhida em nomear o acidente como “Goianobyl” e “Chernobyl do Pequi”, fazendo uma comparação com a explosão radioativa na Usina Nuclear de Chernobyl.

O debate no jornal em torno da questão do lixo radioativo e a criação de seu depósito definitivo também aponta uma falha no processo brasileiro de preocupação e investimento na energia nuclear. A forma com que o *Correio Braziliense* trata a questão em sua cobertura

⁵⁰ FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores . Estudos Avançados, [S. l.], v. 15, n. 42, p. 264, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>. Acesso em: 9 nov. 2023.

⁵¹ Base Nacional Comum Curricular. Ciências Humanas - História Ensino Fundamental. p. 398. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf . Acesso em: 01 Nov. 2023.

jornalística é também significativa, seja com as reportagens tratando a respeito da destinação do lixo ou com as colunas e charges de opinião a respeito do caso.

Desse modo, se tratando de um trabalho acadêmico voltado para a área da licenciatura, é essencial que haja também uma preocupação com a viabilidade do estudo desse conteúdo na disciplina de história do ensino básico brasileiro. Um caso de tamanha magnitude não pode ser tratado apenas de forma tangencial dentro dos conteúdos obrigatórios. Assim, se mostra necessário primeiramente a inclusão desse conteúdo nos currículos educacionais para que o trabalho da referida temática seja viável dentro da área da História, objetivando compreender e analisar como o caso foi retratado a partir de fontes históricas presentes no *Correio Braziliense*.

Por fim, é necessário pontuar que temas sensíveis como o acidente com o Césio-137 em Goiânia precisam ser contemplados pela educação brasileira de forma mais competente, assim como outros acidentes ambientais de grande magnitude. É necessário então que haja um debate educativo e político a respeito da segurança do uso de materiais radioativos dentro da medicina se manipulados e protegidos da forma correta, além de se discutir a viabilidade do uso de energia provenientes de Usinas Nucleares no Brasil e seus possíveis riscos.

FONTES

Matérias Jornalísticas do *Correio Braziliense* sobre o acidente radiológico com o Césio-137 em Goiânia-Go. Mês de outubro do ano de 1987. Brasília-DF.

CORREIO BRAZILIENSE, Bairro é exposto à radioatividade, Brasília, 30.09.1987. Nacional. p. 16.

CORREIO BRAZILIENSE, Radioatividade interna 16 em Goiânia, Brasília, 01.10.1987. Nacional. p. 15.

CORREIO BRAZILIENSE, Radiação condena vítima à morte, Brasília, 03.10.1987. Nacional. p. 14.

CORREIO BRAZILIENSE, Síndrome do Ferro Velho, Brasília, 05.10.1987. Opinião. p. 4.

CORREIO BRAZILIENSE, Descontrole nuclear, Brasília, 07.10.1987. Opinião. p. 2.

CORREIO BRAZILIENSE, A nossa Chernobyl, Brasília, 08.10.1987. p. 2.

CORREIO BRAZILIENSE, Goianobyl é o maior acidente - e o mais grave do Ocidente, Brasília, 09.10.1987. Capa. p. 1.

CORREIO BRAZILIENSE, Cachimbo será depósito de rejeitos, Brasília, 10.10.1987. Nacional. p. 12.

CORREIO BRAZILIENSE, Goianobyl: A burrice na sua mais alta manifestação!, Brasília, 10.10.1987. Opinião. p. 2.

CORREIO BRAZILIENSE, Goianobyl - irresponsabilidade (atômica) sem tamanho, Brasília, 11.10.1987. Caderno ApArte. p. 6 e 7.

CORREIO BRAZILIENSE, CNEN, Brasília, 12.10.1987. Opinião. p. 2.

CORREIO BRAZILIENSE, Goianobyl é uma lição, Brasília, 12.10.1987. Opinião. p. 2.

CORREIO BRAZILIENSE, Cesium CXXXVII park, Brasília, 13.10.1987. Opinião. p. 2.

CORREIO BRAZILIENSE, O Pará não é lata de lixo do Brasil, Brasília, 14.10.1987. p. 7.

CORREIO BRAZILIENSE, Lixo atômico agora é do Congresso, Brasília, 15.10.1987. Capa. p. 1.

CORREIO BRAZILIENSE, Sarney transfere o abacaxi para o Congresso - E em meio a muitas pressões, é decidido que o lixo atômico não vai para a serra do Cachimbo, Brasília, 15.10.1987. Nacional. p. 15.

CORREIO BRAZILIENSE, Goiânia define a área para depósito do “lixo” - Cemitério atômico provisório fica perto da rodovia BR-60 e a 25 km do palácio do Governo, Brasília, 17.10.1987. Nacional. p. 14.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil: Crônica do futuro**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016.

APOSTILA EDUCATIVA. **A História da Energia Nuclear**. Rio de Janeiro: Comissão Nacional de Energia Nuclear, [s. v.], [s. n.], [s. d.].

CABRAL, Larissa Mendanha. **Narrativas diversas, memórias em disputa: as instituições (Funleide, Suleide e Cara) criadas pelo governo do Estado de Goiás após o acidente com o Césio-137 (1988-2011)**. Orientador: Prof. Dr. Jiani Fernando Langaro. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

CAULLIRAUS, Heitor Biolchini. **Hiroshima 45, o grande golpe: da concepção do átomo à tragédia de Hiroshima**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

COSTA JUNIOR, Geraldo da. **O acidente com o Césio 137 em Goiânia nas matérias do Correio Braziliense - anos 1987-2007**. Orientadora: Profa. Dra. Albertina Vicentini. 110 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos Avançados, [S. l.], v. 15, n. 42, p. 264, 2001.

HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LUCA, Tania Regina de. **“História dos, nos e por meio dos periódicos”**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1.

PRIMEIRO BOLETIM epidemiológico. **Revista Césio 137 – 25 anos: uma História para lembrar e prevenir**. Goiânia, Governo de Goiás: Secretaria de Estado da Saúde, [s. v.], [s. n.], 2012.

SANTOS, Andressa Maria dos. **A série Césio-137 – Goiânia Rua 57, de Siron Franco: o uso da imagem na compreensão histórica**. 2017. Dissertação (história, cultura e formação de professores) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017.

VIEIRA, Suzane de Alencar. **Césio-137, um drama recontado**. Estudos Avançados 27 (77), 2013.

WIEDERHECKER, Clyce Louise; CHAVES, Elza Guedes. **Associação das vítimas do Césio-137: Identidade e diversidade de um movimento social**. Universidade Federal de Goiás: Boletim Goiano de Geografia. Vol 9/10. Nº 1/2, Jan./Dez. 1989/1990.